



LEONEL FRANCA

ENTRE ANCHIETAS E VIEIRAS



FUNDAÇÃO
PADRE LEONEL FRANCA





LEONEL FRANCA

ENTRE ANCHIETAS E VIEIRAS



**Presidente**

Pe. Roberto Barros Dias, S.J.

Vice-Presidente

Prof. Lindolpho de Carvalho Dias

Vice-Presidente

Prof. Raul Rosas e Silva

Superintendente

Prof. Carlos José Pereira de Lucena

Instituidoras**Arquidiocese do Rio de Janeiro**

Cardeal Dom Orani João Tempesta, O. Cist.

Associação Nóbrega de Educação e Assistência Social - ANEAS

Pe. Mieczyslaw Smyda, S.J.

Sociedade Civil Faculdades Católicas

Pe. Luís Corrêa Lima, S.J.

Reitor

Pe. Anderson Antonio Pedroso, S.J.

Vice-Reitor Geral

Pe. André Luís de Araújo, S.J.

Projeto do livro

Leonel Franca: entre ansietas e vieiras

Organização

Roberto Barros Dias

Colaboração

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Patrícia Rodrigues

Leandro Garcia Rodrigues

Glória Fátima Nascimento

Heitor Carlos Santos Utrini

Agradecimentos

Reitoria da PUC-Rio

Núcleo de Memória da PUC-Rio

Cátedra Carlo Maria Martini – CCMM

Editora PUC-Rio

Arquivo da Província dos Jesuítas do Brasil

Colégio Santo Inácio – Rio de Janeiro

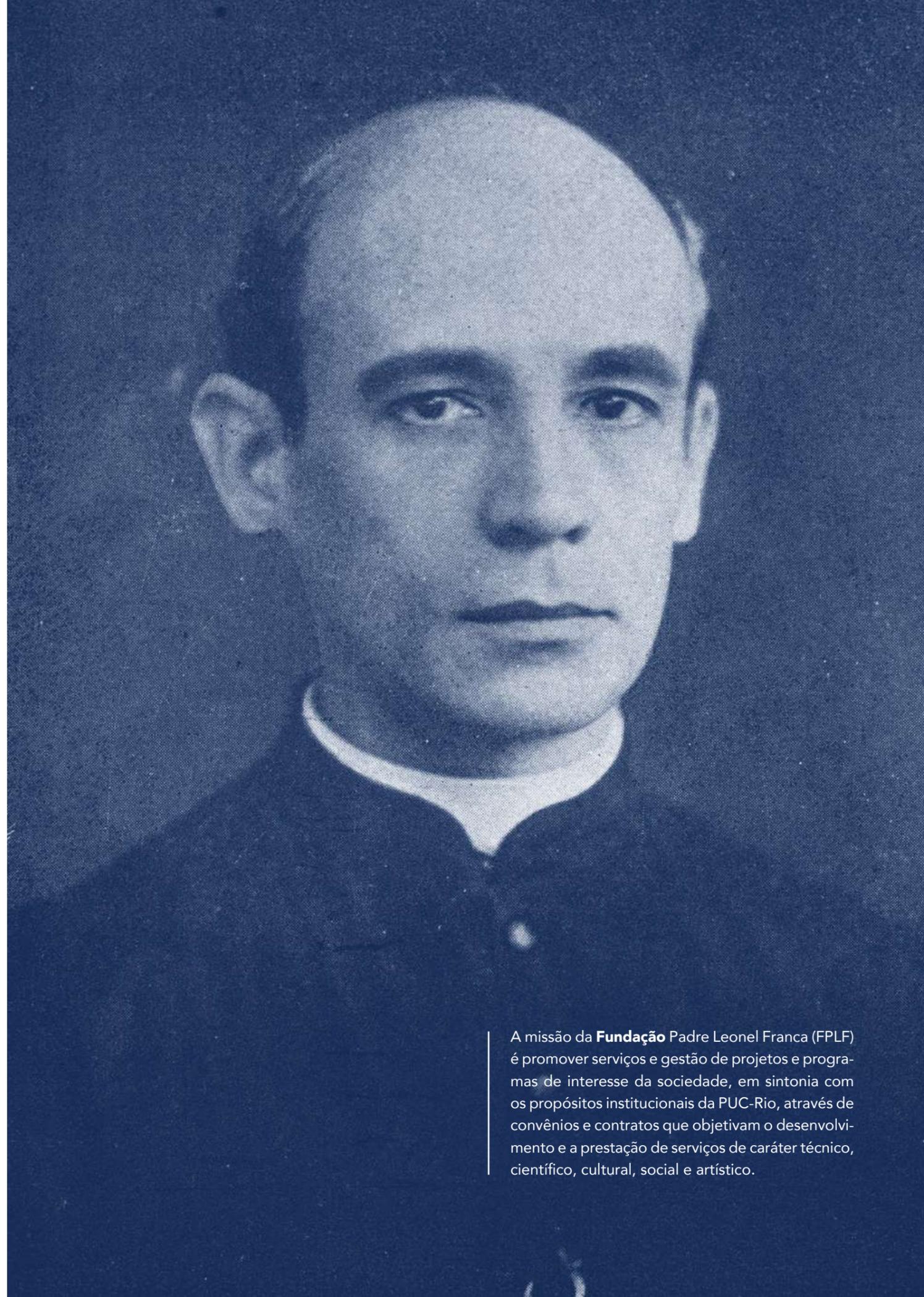
Prefeitura de São Gabriel – RS

Colégio Anchieta – Nova Friburgo, RJ

Pateo do Collegio – SP

Edições Loyola

Educação Continuada PUC-Rio



A missão da **Fundação** Padre Leonel Franca (FPLF) é promover serviços e gestão de projetos e programas de interesse da sociedade, em sintonia com os propósitos institucionais da PUC-Rio, através de convênios e contratos que objetivam o desenvolvimento e a prestação de serviços de caráter técnico, científico, cultural, social e artístico.

mas saltada as poucas virtudes
do Padre Franca.

Mas não se pôde esquecer
cerimonias, e de lá participar a
benemerita Companhia de Jesus, de qual
o Padre Franca foi um luzeiro, com-
paravel aos Anchietas e Vieiras.

Voulo, pois, com dar V. Ex. R. e
para assistir as referidas solemnidades
e profere o elogio fúnebre do illustre
morto.

Caro, entretanto, seus muitos afazeres
não lhe permitiam afastar-se do Rio,
pediu-lhe-se o abrupção de despirar um
sacerdotio de Colégio Santo Inácio - cujas
do trabalhos do Padre Franca, para falar
no seu 5º aniversário, juntamente com
um dos professores d'essa Faculdade.

Pede-lhe ainda o favor de pôr a respeito
por escrito afirmativa, com a desipueza do
meio de laconica preferida - avida em
trem - para as suas providencias rela-
tivas a parafum.

Desse V. Ex. R. e. R. e. aceitar meus
atenciosos cumprimentos e as protestes de
muito mais alto estimo e distincto
amizade.

Antonio Camillo de Faria Moim

“

PADRE FRANCA
FOI UM LUZEIRO,
COMPARÁVEL
AOS ANCHIETAS
E VIEIRAS.

”

ANTONIO CAMILLO DE FARIA,
em carta ao Provincial dos Jesuítas, 1948.

Lennart Franca SG

“

SEM ORAÇÃO, NÃO HÁ VIDA
INTERIOR, NÃO HÁ PROGRESSO
NEM PERFEIÇÃO POSSÍVEL...
CONDIÇÃO DA UNIÃO
COM DEUS: PUREZA TOTAL
DE CONSCIÊNCIA...

”



Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, RJ.

Parte 01

APRESENTAÇÃO 12

PE. ROBERTO BARROS DIAS, S.J.

TRAJETÓRIA 17

INTRODUÇÃO 18

MARIA CLARA BINGEMER

Formação religiosa e intelectual
1893___1924 22

Magistério e produção intelectual
1925___1939 36

Fundação das Faculdades Católicas
1940 52

PUC-Rio, a obra de Leonel Franca
1941___1948 64

FRAGMENTOS POÉTICOS 92

Parte 02

OLHARES 108

INTRODUÇÃO 112

LEANDRO GARCIA

CARTAS

Alceu Amoroso Lima
a Jackson de Figueiredo 118

Dom Sebastião Leme
a Leonel Franca 119

TEXTOS

Alceu Amoroso Lima 120

Antonio Carlos Villaça 129

Dom Odilon Moura, O.S.B. 130

Pe. César Dainese, S.J. 131

Pe. Francisco Leme Lopes, S.J. 133

Pe. Henrique C. de Lima Vaz, S.J. 134

Pe. Jesus Hortal, S.J. 136

Pe. João A. Mac Dowell, S.J. 137

Pe. Mário de França Miranda, S.J. 139

Pe. Pedro Belisário Velloso Rebello, S.J. 143

APRESENTAÇÃO

PE. ROBERTO BARROS DIAS, S.J.

História é uma ciência que investiga o passado da humanidade e o seu processo de evolução, tendo como referência um lugar, uma época, um povo, ou uma pessoa específica. A história tem como sopro vital a memória dos acontecimentos, das culturas, dos afetos e de realidades que passaram, mas, que de algum modo, se refletem no presente. Por isso, nós historiadores, ao investigarmos o passado o fazemos por uma razão muito clara: responder às perguntas que o presente nos faz para que possamos nos compreender melhor e, assim, desenharmos o futuro e, teimosamente, seguir a história, “tecendo sonhos e possibilidades”.

O exercício de visitar o passado ou a história recente de uma instituição, como a Fundação Pe. Leonel Franca, é importante porque estamos nos perguntando no agora, 2023, por seus valores, por seus processos e por sua contribuição à sociedade, à cultura e à

construção de saberes, como organismo de apoio à PUC-Rio. Como um fiel historiador, começo, portanto, perguntando:

Muitos estudiosos de povos de diferentes matrizes culturais têm tentado entender o significado dos números para além da soma de unidades, datas, métricas e cronometragem. Porém, esgotar a compreensão dos números é quase impossível, uma vez que cada povo constrói uma simbologia própria, delineada por sua cultura e uma cosmovisão, também particular. Não farei imersão nas tradições orientais e egípcias, vou me deter à percepção dos números na tradição judaico-cristã.

POR QUE
40 ANOS
É UMA DATA
SIGNIFICATIVA?



Medalha em homenagem a Pe. Leonel Franca, S.J. na entrada da Fundação, no campus Gávea da PUC-Rio.

O número 40, entre os hebreus, não significa só um múltiplo de 4, na verdade, possui um significado teológico que tem sua origem na inerente história desse povo. Isso nos diz que o número 40 deve ser visto como uma expressão, ou seja, um sinal de comunicação nas relações humanas sociais e históricas. Há algumas narrativas, presentes na Bíblia, que confirmam o dito acima:

1. O período do dilúvio foi de 40 dias e 40 noites (Gn 7,4): significando o tempo de renovação da Criação.
2. Os hebreus caminharam 40 anos pelos desertos até chegar em Canaã (Js 5,6): na terra prometida, onde a esperança e a confiança se concretizariam.
3. O grande reinado de David durou 40 anos (2Sm,4): o que marcou a unidade das 12 tribos.
4. Moisés permaneceu 40 dias e 40 noites no monte Sinai e recebeu as duas tábuas de pedra, as tábuas da aliança (Dt. 9,11; o quinto livro da Torá): essas tábuas definiram para os hebreus um ethos identitário, que continua até hoje.

NO NOVO TESTAMENTO:

1. Jesus foi levado, por Maria e José, ao templo 40 dias após seu nascimento (Lc 2,22): quando se deu a revelação de quem aquele menino era.
2. Jesus jejuou durante 40 dias no deserto (Mt 4,1-2; Mc 1,12-13; Lc 4,1-2), onde mostrou sua fidelidade ao projeto do Reino.
3. Nos Atos dos Apóstolos: Jesus, após a ressurreição, permaneceu na Terra por 40 dias (At 1.3), período de confirmação de seus discípulos.

As quatro narrativas bíblicas do Antigo Testamento e as três do Novo Testamento nos colocam diante de experiências humano-históricas que incluem, em seus percursos, uma presença do divino, uma intervenção transcendente que renova a esperança e a vida de diferentes povos. Em todos esses relatos, o número 40 sinaliza a transição para “um outro existencial”, e todas as pessoas que passaram por essas histórias chegaram, depois dos 40 anos, ou 40 dias: mais fiéis aos seus propósitos; mais amadurecidas; e mais em sintonia com Deus, consigo e com os outros.

Quarenta, portanto, é tempo de aprendizado, de descobertas, tempo de realizar sonhos e possibilidades, tempo para crescer no conhecimento, construir relações e de fortalecimento na compreensão de identidades e missões. Por isso, toda essa simbologia está na base da motivação das comemorações dos 40 anos da Fundação que leva o nome de Padre Leonel Franca, aqui por nós homenageado com a publicação deste livro.

Parte

01

TRAJETÓRIA

INTRODUÇÃO

LEONEL FRANCA: PENSADOR, MÍSTICO E FUNDADOR

MARIA CLARA BINGEMER

A trajetória de vida do Pe. Leonel Franca foi cronologicamente curta. Impressiona, no entanto, a intensidade e sobretudo a fecundidade que se revelam nestes 55 anos vividos em sua quase totalidade – desde os 15 – como religioso na Companhia de Jesus. Sua saúde desde sempre precária não foi empecilho para a atividade incessante que marcou seu caminho, não apenas no período de formação com muitas viagens internacionais e obtenção de graus acadêmicos, como também no contínuo e dedicado trabalho como educador e como sacerdote.

As imagens desta seção inicial, que ilustram sua infância e juventude, já evocam o aluno brilhante e aplicado que obtinha as melhores

notas e se destacava em todas as disciplinas. Encarnava já desde aí o ideal do fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, que desde sempre desejou que seus filhos fossem instruídos e se destacassem nas letras e nas ciências. O Pe. Franca publicou artigos e livros ainda durante o tempo de estudos em Roma e sua atividade como escritor continuou após voltar ao Brasil, onde trabalhou como professor e depois como reitor no Colégio Santo Inácio e finalmente como fundador da PUC-Rio. Em meio a todos os cargos administrativos que desempenhou, o grande educador mantinha viva e atualizada a leitura e o pensamento, o que o levava a ser respeitado pelos mais importantes intelectuais brasileiros.



Colégio Santo Inácio, Rio de Janeiro, local da primeira sede da PUC.

Possuía, além disso, uma refinada sensibilidade que lhe trazia inspirações poéticas, as quais não hesitava em confiar à escrita. Entre a primeira e a segunda parte deste livro podem ser encontrados alguns de seus poemas, que revelam sentimentos, afetos e movimentos interiores. Nos versos, aparece o louvor à beleza da criação, o entusiasmo pela vocação dos mais jovens. Mas ao mesmo tempo o profundo afeto pelo pai, a tristeza pela morte de um amigo. Em suma, repercussões de uma refinada humanidade.

Inseparável desse perfil intelectual e criativo está o religioso e sacerdote que o Pe. Franca sempre foi. Em meio a todas essas atividades administrativas e acadêmicas, sua

vida de oração, sua disciplina ascética e sua atividade pastoral são perceptíveis através de seus escritos. E o que o leitor poderá vislumbrar nos textos espirituais que aqui se apresentam é que esses dão testemunho de uma personalidade indelevelmente configurada pelos Exercícios Espirituais de Santo Inácio e a prática do discernimento em todos os momentos do cotidiano.

Devido a essa profunda espiritualidade que irradiava em todos os seus encontros e ações, Leonel Franca era procurado por inúmeras pessoas para conversas espirituais, pregação de retiros, administração dos sacramentos, celebração de missas e tudo aquilo que constitui uma vida sacerdotal generosa

e rica. Percebe-se por alguns dos escritos desta primeira parte do livro a preocupação que aflorava constantemente na consciência e coração desse que era um rigoroso filósofo, mas igualmente um místico ardente: dirigir todas as suas ações a Deus. Senhor de sua vida, este era ao mesmo tempo a fonte de onde provinham seus melhores desejos e inspirações e a meta para a qual dirigia todos os desejos de seu coração e cada minuto de sua existência.

Encontra-se nesta mística talvez a explicação para o fato surpreendente de sua inesgotável energia e capacidade de trabalho. O jesuíta de complexão frágil e permanentemente

adoecido por uma cardiopatia que acabou por abreviar-lhe a vida levantava-se de cada crise, tendo em várias ocasiões recebido mesmo a unção dos enfermos, com ânimo intacto e renovado entusiasmo, retomando seu trabalho como se nenhuma intercorrência houvesse tido lugar.

Transitando entre presidentes e políticos influentes, intelectuais renomados e poetas maiores, bispos, cardeais e religiosos, o Pe. Franca ia tecendo a tela espessa de sua vida e do projeto maior que lhe aparecia no horizonte: a fundação da Universidade Católica do Rio de Janeiro. No trabalho intenso e incansável por levar a cabo este projeto, não

mediu forças e gastou todos os seus talentos e energias. Hoje a Universidade por ele fundada é a mais importante universidade privada do Brasil, tendo igualmente lugar de destaque no cenário acadêmico internacional. Na base dessa instituição que é uma marca do pensamento e da espiritualidade em nosso país encontra-se presente e atuante o carisma do fundador, esse homem extraordinário, jesuíta ilustre que encontra seu lugar entre outros de primeira grandeza, como José de Anchieta, o apóstolo do Brasil, e Antonio Vieira, o imperador da língua portuguesa.

“TRANSITANDO ENTRE PRESIDENTES E POLÍTICOS INFLUENTES, INTELLECTUAIS RENOMADOS E POETAS MAIORES, BISPOS, CARDEAIS E RELIGIOSOS, O PADRE FRANCA IA TECENDO A TELA ESPESSA DE SUA VIDA E DO PROJETO MAIOR QUE LHE APARECIA NO HORIZONTE: A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO.”



Pe. Leonel Franca, à direita; Dom Francisco de Aquino Corrêa, à esquerda.

FORMAÇÃO RELIGIOSA E INTELECTUAL

1893 — 1924

Padre Leonel Edgard da Silveira Franca nasceu em 1893, em São Gabriel – RS, e teve uma intensa atuação política e religiosa na primeira metade do século XX, ingressando na Companhia de Jesus em 1908. Sua formação religiosa e intelectual começou no Brasil e continuou em Roma, onde estudou Filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana. Antes de cursar Teologia, deu aulas no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro e, com o material utilizado como professor, publicou seu primeiro livro em 1918. *Noções de História da filosofia*, editada mais de trinta vezes e base de uma outra produção intitulada *A filosofia no Brasil*, foi considerado o primeiro estudo sobre esse tema em toda a literatura nacional, o que levou Pe. Leonel Franca a ingressar em uma corrente de estudos sobre o pensamento filosófico brasileiro.



Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma.



Casa dos avôs maternos em Salvador, BA, onde foi batizado.



Matricula-se no 3º ano ginásial do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro.
Recebe a fita do Congregado Mariano, na festa de *Mater Pietatis*.



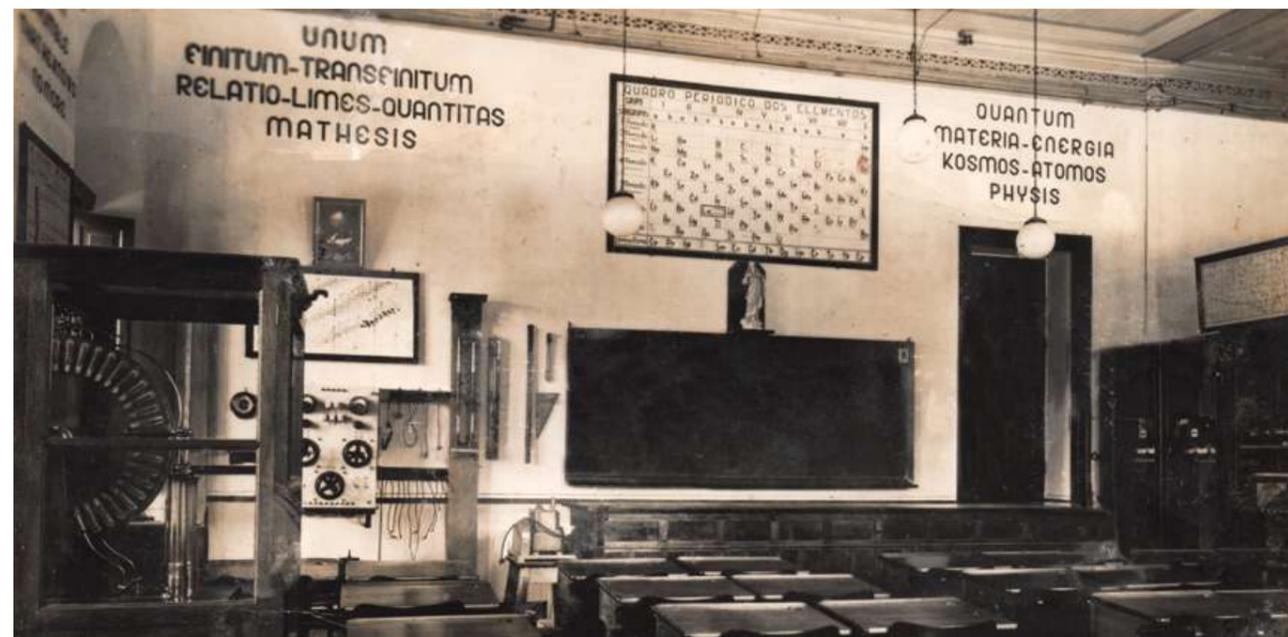
1906



1893



Nasce em janeiro em São Gabriel, Rio Grande do Sul, filho de Justino da Silveira e Maria José de Macedo Franca.

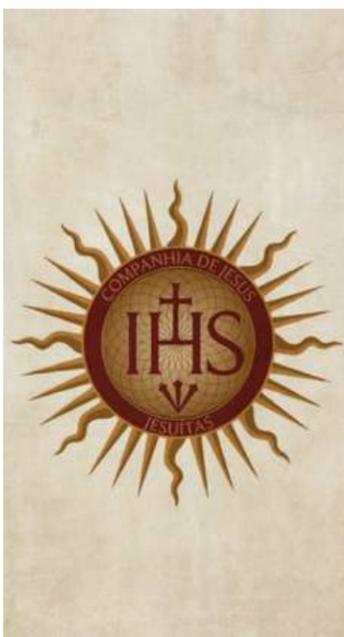


1908



1910

Aos 13 de novembro, pronuncia seus primeiros votos religiosos e principia o curso de Letras.



Ingressa na Companhia de Jesus.

Veste a batina no Noviciado de S. Paulo aos 3 de dezembro, festa de S. Francisco Xavier.

1912



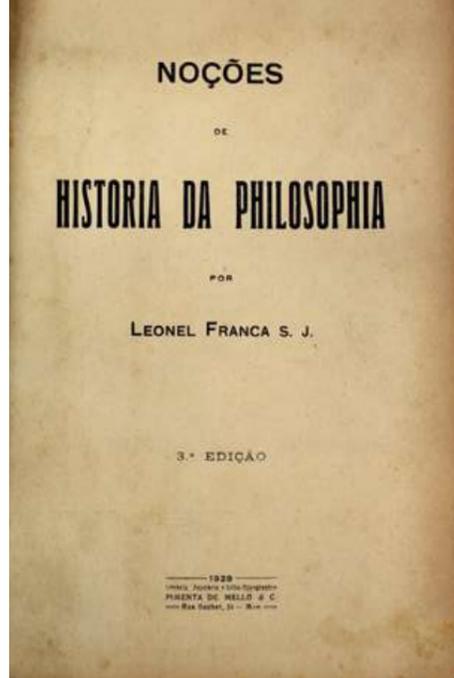
Inicia o triênio de Filosofia na Universidade Gregoriana, em Roma.

1913



Recebe a tonsura e as Ordens Menores.

ANTES DE CURSAR TEOLOGIA, DEU AULAS NO COLÉGIO SANTO INÁCIO DO RIO DE JANEIRO E, COM O MATERIAL UTILIZADO COMO PROFESSOR, PUBLICOU SEU PRIMEIRO LIVRO EM 1918.



Publica seu primeiro livro, *Noções de História da Filosofia*.

1918



Parte para Roma iniciando o curso de Teologia.

1920

1915



Retorna ao Rio de Janeiro, exercendo o Magistério no Colégio Santo Inácio.

1919

Publica *Apontamentos de Química Geral*.



Com o exame *ad gradum*, doutorou-se em Teologia e Filosofia.

Dirigiu-se a Oya, na Espanha, para o ano de Terceira Provação.



1924

1923



Numa crise de coração, recebe os últimos sacramentos.

É ordenado Subdiácono, em seguida Diácono e, posteriormente, no mesmo ano, Sacerdote.

Pe. Leonel Franca em Bad Nauheim, na Alemanha.





“

A AMIZADE DE
JESUS BEM VALE
A NUDEZ INTERIOR
DE QUALQUER
CONSOLAÇÃO
HUMANA.

”

PADRE LEONEL FRANCA



Vista do Colégio Anchieta.

“PARECE-ME QUE
ESTOU SINCERAMENTE
DESAPEGADO DE TODAS
AS CRIATURAS...
O AMOR DE DEUS
É SÓ O QUE ME INTERESSA
NA VIDA...
É TÃO BOM
VIVER NA PRESENÇA
DE DEUS, NA DOAÇÃO
COMPLETA DE UM AMOR
QUE NÃO MEDE
SACRIFÍCIO!”

PADRE LEONEL FRANCA

MAGISTÉRIO E PRODUÇÃO INTELECTUAL

1925 — 1939



Pe. Leonel Franca em viagem.

A HABILIDADE INTELLECTUAL DE LEONEL FRANCA ESTÁ REGISTRADA EM 12 LIVROS PUBLICADOS. SUAS OBRAS COMPLETAS CORRESPONDEM A 14 VOLUMES, INCLUINDO AS CONFERÊNCIAS E TEXTOS DEIXADOS EM MANUSCRITOS, HOJE DISPONÍVEIS À PESQUISA NO ARQUIVO DA PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL.

Doutor em filosofia e teologia (1924), atuou como professor na Faculdade de Filosofia dos jesuítas em Nova Friburgo. A partir de 1927, retorna para a cidade do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que, entre 1929 e 1939, Leonel Franca realizou 35 conferências sobre Educação. Escreveu ainda os livros *Ensino religioso e ensino leigo*; *A formação da personalidade*; e a primeira tradução do *Ratio Studiorum*, o método pedagógico dos Jesuítas. Essas obras contribuíram para que fosse nomeado membro do Conselho Nacional de Educação e participasse ativamente nos debates das Constituintes de 1934 e 1946, ampliando a discussão sobre ensino e cultura.

Volta
ao Brasil.



1925



Pe. Franca deixa
Nova Friburgo
com destino
à cidade do
Rio de Janeiro.
Pe. Provincial
o envia para o
Colégio Santo
Inácio.



1927



Pe. Leonel Franca em registro da Comunidade Religiosa do Colégio Santo Inácio.

1926



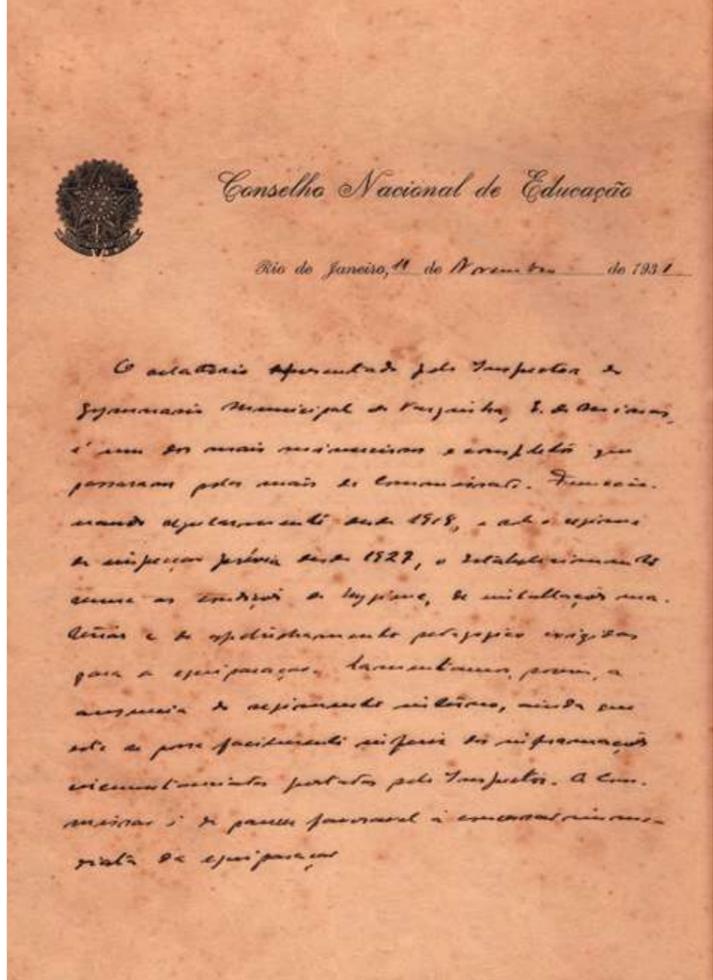
Na festa da Purificação
de Nossa Senhora,
faz a Profissão Solene
no Colégio Anchieta
de Nova Friburgo, onde
permanece ensinando
História da Filosofia,
Psicologia Experimental
e Química.

**Escreve *Relíquias
de uma polêmica.***

Publica Ensino Religioso e Ensino Leigo e O Divórcio.

É nomeado membro do Conselho Nacional de Educação.

1931



Torna-se representante para o campo da religião no Conselho Nacional de Estatística, mas desde 1933 já atuava como assistente eclesiástico da Confederação Católica Brasileira de Educação.
Com Alceu Amoroso Lima, redigiria o documento "Reivindicações Católicas", entregue à Assembleia Constituinte para a nova Constituição.

1937

1933

1938

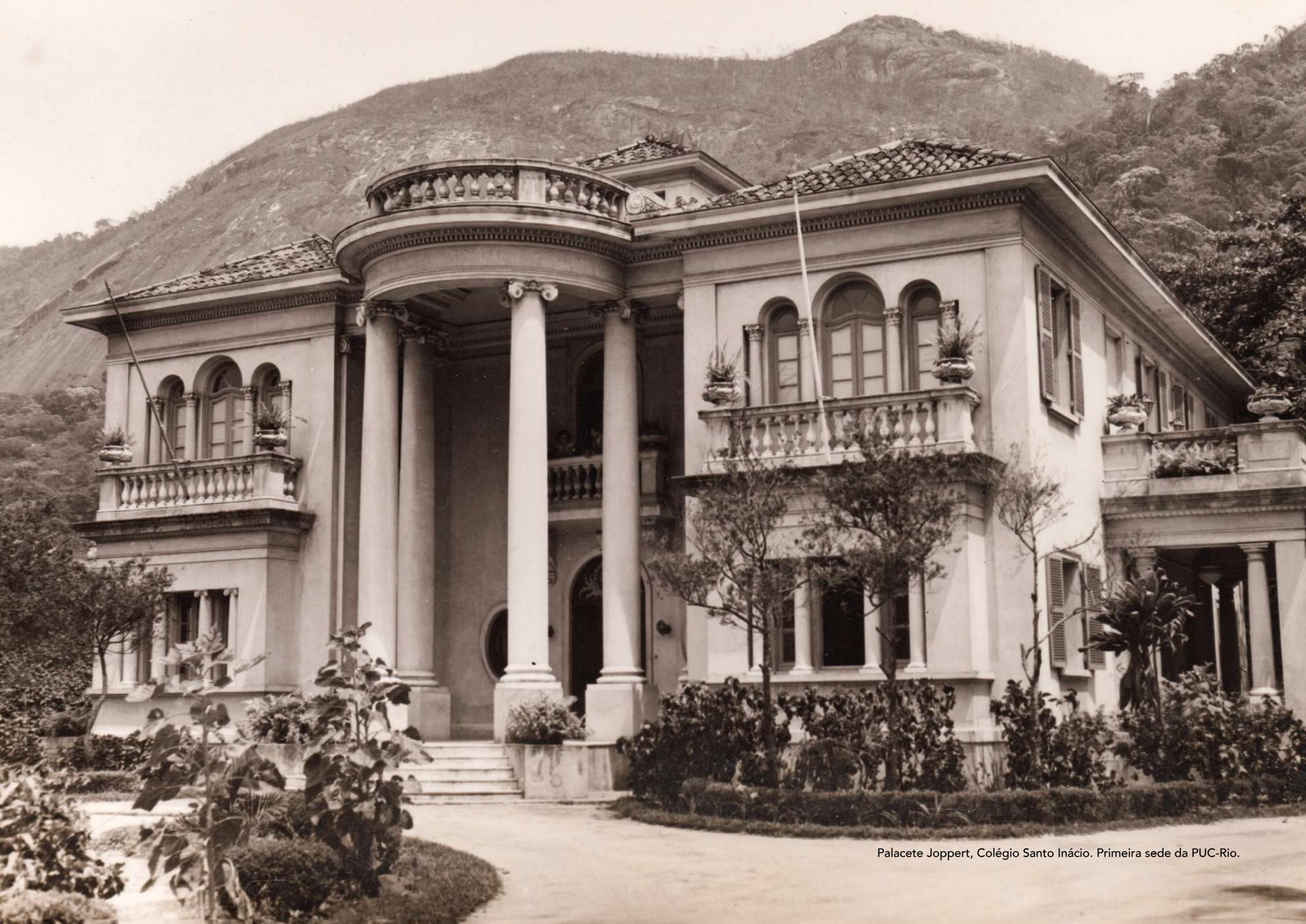


Publica *Catolicismo e Protestantismo; Lutero e o Sr. Frederico Hansen; e A Psicologia da Fé.*

Reitor do Colégio Santo Inácio.

Novamente enfermo, é ungido, pela terceira vez.

Publica o Protestantismo no Brasil.



Palacete Joppert, Colégio Santo Inácio. Primeira sede da PUC-Rio.



Leonel Franca com seus irmãos: Luís, Alberto, Leopoldo, Mário, Leonor, Leovigildo e Maria.

“Em todas as ações fixar a atenção no seu aspecto sobrenatural no lado que olha para o céu. Por Deus posso fazer pouco; atividade externa, apostolado quase nenhum. Como farei da vida um holocausto à sua glória? Não o ofendendo nunca. Oferecer-lhe diariamente o sacrifício completo de uma consciência pura: *vitam præstam puram!* – Passar pela vida sem nunca dar ao seu Coração um desgosto, que felicidade!... É só o que Deus quer de mim: identificar sempre a minha vontade com a dele, por amor...”

NÃO POSSO FAZER
MAIS NEM MELHOR
DO QUE AMAR A DEUS.
O ESQUECIMENTO DE
SI É O SEGREDO DA PAZ
E DA FELICIDADE.”

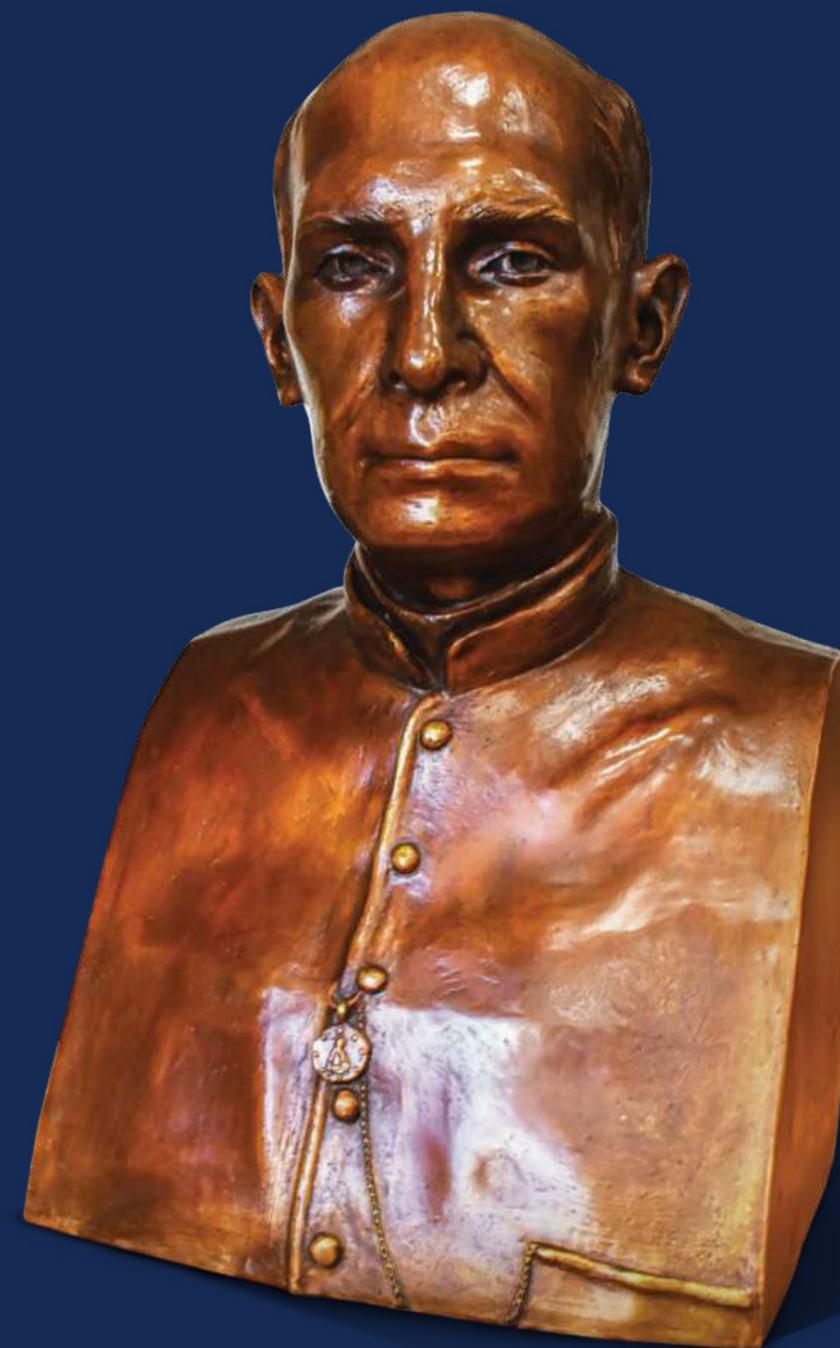
PADRE LEONEL FRANCA



Professores reunidos no pátio do Colégio Santo Inácio.

“SEM ORAÇÃO,
NÃO HÁ VIDA INTERIOR,
NÃO HÁ PROGRESSO NEM
PERFEIÇÃO POSSÍVEL...
CONDIÇÃO DA UNIÃO COM
DEUS: PUREZA TOTAL DE
CONSCIÊNCIA...”

PADRE LEONEL FRANCA



Busto de Leonel Franca.



Pe. Leonel Franca em reunião da Comissão Censitária Nacional.

“A DIMINUIÇÃO NO AMOR DE DEUS
É UMA DEGRADAÇÃO DE TODO O
HOMEM, UMA DESVALORIZAÇÃO
PROGRESSIVA DE TODA A VIDA.
PROCURAR A PAZ E O CONSOLO
NO FERVOR DA CARIDADE, NA
INTIMIDADE FILIAL DE MINHAS
RELAÇÕES COM DEUS.

Tudo o mais passa e não satisfaz. Trabalhar para a unificação da vida na multiplicidade das ações exteriores... Não me ocupar nos ministérios senão como quem se empresta, com a consciência atual de estar fazendo a vontade de Deus, de estar amando o seu amor na ação que nos impõe a sua Providência. Em cessando de tratar com o próximo, voltar-me espontaneamente para dentro, para a intimidade do amor divino, como um peso que volta de si à posição de seu equilíbrio estável.”

PADRE LEONEL FRANCA

FUNDAÇÃO DAS FACULDADES CATÓLICAS

1940

Comentaristas da literatura deixada por Pe. Leonel Franca e acadêmicos mais recentes afirmam que a PUC do Rio de Janeiro, primeira universidade católica do país, é certamente a obra mais importante de Leonel Franca no campo da Educação. Decidida pelo Primeiro Concílio Plenário do Episcopado Brasileiro, a criação de uma Universidade Católica no Rio de Janeiro, o Cardeal Leme confiou a Pe. Franca a tarefa de executar essa resolução. Sob a denominação de Faculdades Católicas, e tendo o Pe. Franca, como Reitor, começaram a funcionar em 1941 os cursos das Faculdades de Direito e de Filosofia, que abrangia, além da filosofia, seis outros cursos, correspondentes aos atuais Departamentos de Letras, História, Geografia, Sociologia e Educação. Foram, em pouco tempo, criadas

outras Faculdades como a Escola Politécnica e a Escola de Serviço Social. Por decreto do presidente Getúlio Vargas, de 1946, as Faculdades Católicas foram reconhecidas como Universidade, que um ano depois recebeu da Sagrada Congregação de Seminários o título de Pontifícia. Ou seja, juntos, Pe. Leonel Franca e o Cardeal Leme, teceram um sonho e conduziram uma possibilidade a uma realidade, chamada, hoje, Pontifícia Universidade Católica, a nossa PUC-Rio.

Nos escritos lidos recentemente, ficou evidente para mim, o que Pe. Franca concebia, à época, como missão da nova Universidade. Em seu discurso de posse, como Reitor, ele afirmou que a função própria da Universidade é a criação e transmissão de cultura. E cultura é o "aperfeiçoamento de homem

(e da mulher), em todas as direções de suas múltiplas possibilidades." A Universidade deve desenvolver os valores oferecidos em cada época para que a humanidade de cada pessoa se amplie. E a PUC, "acha-se singularmente aparelhada para concretizar este ideal", pois ela produz a atmosfera propícia para a investigação através da "convicção

profunda da inteligibilidade das coisas" e pelo "respeito inviolável dos processos lógicos que levam à conquista da verdade" (ver Mac Dowell, *Boletim PUC-RJ*, n. 4, 1978).

Na gênese da PUC-Rio já estava, mostram os escritos, a semente de uma comunidade de estudo comprometida com a verdade e o bem comum.

1940

Funda a
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro.

É nomeado
primeiro Reitor
em 12 de
dezembro.

CORREIO DA MANHÃ — Quarta-feira, 1 de Janeiro de 1941

AS FACULDADES CATHOLICAS

Como o padre Leonel Franca expõe a realização desse ideal da população catholica brasileira

Desde junho de 1940 foi fundada nesta capital, sob os auspícios do Cardeal D. Leme, a sociedade civil Faculdades Catholicas, que visa fundar, manter, administrar e dirigir os estabelecimentos de ensino superior e as instituições culturais que não de integrar a futura Universidade Catholica do Rio de Janeiro. Um dos animadores dessa iniciativa cultural do mundo catholico brasileiro é o padre Leonel Franca, o conhecido educador que faz parte do Conselho Nacional do Ensino. Paraceu-nos da maior oportunidade ouvir

Direito iniciará em 1941 o curso de bacharelado em Direito, e a Faculdade de Philosophia, os cursos de philosophia, de sciencias sociaes, de geographia e historia, de letras classicas, de letras neo-latinas, de letras anglo-germanicas e de pedagogia. E' um grande centro de irradiação cultural que da capital da Republica diffundirá as suas luzes por todo o país.

— Já foram recrutados os professores que não de arcar com esta responsabilidade?

— Sim. Para que os novos cursos correspondessem á sua fina-



Pe. Leonel Franca se encontra com o presidente Getúlio Vargas, após doação de terreno para o campus.

Pe. Leonel Franca, primeiro Reitor da PUC-Rio, no Dia do Reitor.



ALOCUÇÃO
PROFERIDA POR
PE. LEONEL FRANCA, S.J.,
NA SESSÃO INAUGURAL
DAS FACULDADES
CATÓLICAS

“NUMA SOLENIDADE SIMPLES
E AUSTERA EM QUE FALA
MAIS ALTO O SILÊNCIO DAS
GRANDES COISAS DO QUE A
SONORIDADE DAS GRANDES
PALAVRAS, INAUGURAM-SE
HOJE AS DUAS FACULDADES
QUE CONSTITUEM O
PRIMEIRO NÚCLEO DA
FUTURA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO BRASIL.

Todos sentimos que na história de nossa vida religiosa e social o momento que vivemos assinala um marco miliário de importância singular. Em todas as almas palpita a alegria de longas esperanças que se realizam, como em todas as consciências pesa responsabilidade de promessas que acabrunham.

A grandeza do acontecimento justifica a coexistência rara de todos estes sentimentos que, da hesitação e do temor até o júbilo e o entusiasmo, mesclam as suas vibrações numa orquestração interior singularmente rica e complexa.”

AS UNIVERSIDADES E A DEFESA
DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Oração pronunciada pelo Reitor das Universidades Católicas Padre Leonel Franca S. J., na instalação solene dos cursos em 1944

Nos primeiros anos da vida o crescimento é rápido e vigoroso. A natureza concentra a vitalidade das suas energias em levar em curto prazo os organismos à perfeição de sua estrutura e à plena eficiência de suas funções. Só então, em rendimento fecundo, o homem dá nas múltiplas esferas de sua atividade, a medida cheia de suas forças criadoras.

Também nas instituições, destinadas a um longo viver, os primeiros tempos são de efervescência construtora e expansiva. Plasman-se novos órgãos, dilatam-se os campos de debravamento, ativa-se o trabalho que produz aumentos e irradia num entusiasmo de juventude conquistadora de posições.

Estamos ainda nesta fase de expansão primaveril e o ano de 1943, se lhe quisermos balancear as atividades, não desmerece dos que o precederam em vigor de crescimento e novidade de iniciativas.

As matrículas nas duas faculdades, que de 88 em 1941 se haviam elevado a 228 em 1942 atingiram no ano passado a cifra consoladora de 333.

As aulas processaram-se com a regularidade normal e aos seus trabalhos comuns acrescentaram as atividades dos diferentes seminários — o de Francisco Soares à frente, num desenvolvimento da formação científica pessoal, promissora dos mais esperançosos resultados.

Em Agosto fundou-se o curso intensivo de preparação para auxiliares de serviço social — primeiro núcleo de nossa Escola de Serviço Social que neste ano já começa regularmente os seus cursos, e com o tempo poderá prestar imensos auxílios à grande obra de renovação social dos nossos dias.

Com particular satisfação tenho o prazer de anunciar a instituição do primeiro prêmio (ainda uma primícia) das faculdades Católicas por fundação devida à generosidade inteligente do Dr. Mario de Andrade Ramos. É o prêmio Visconde Cayul, uma medalha de ouro que será concedida todos os anos ao aluno mais distinto na Cadeira de Ciência de Finanças.

Como fator de progresso de capital importância na organização da subestrutura econômica da nossa instituição cumprem-nos, por elementar dever de gratidão sincera, lembrar a doação feita às nossas Faculdades pelo Governo de uma faixa de terreno na Esplanada do Castelo. Esta área, altamente valorizada, permitirá à nossa nascente Universidade, um desenvolvimento mais rápido e mais seguro. Espero em Deus, poder, ainda este ano, trazer ao conhecimento da nossa família universitária — professores e alunos, o esboço dos primeiros projetos atualmente já em estudos adelantados.

Somos, como vêdes, por este balanço sumário, uma instituição no vigor ainda da primeira juventude, em plena fase de crescimento. Será, talvez que com isso nos queiramos eximir ao dever dos primeiros frutos que de nós se esperam? Será que, estamos assim a pleitear prolongamentos de prazo para uma evolução orgânica, lenta e tranquila, desafogada de responsabilidades da idade madura? Em outras épocas, talvez; na em que vivemos, certamente, não.

A função das Universidades tornou-se, em nossos dias de uma nitidez inofuscável e de uma urgência que não sofre adiantamentos. Ao lado da sua missão de pioneiros do progresso científico — seminário de sábios, foco de novas pesquisas e descobertas amplificadoras dos horizontes da ciência e da técnica; ao lado da sua missão social de preparar os profissionais mais qualificados, que no exercício do governo, da administração, das carreiras liberais, irão imprimir a sociedade a sua fisionomia e orientação dos seus movimentos, insubstituível, neste momento de singular gravidade na história da família humana, uma tarefa indeclinável na defesa do próprio patrimônio da nossa civilização.

O imane conflito atual, que literalmente se estende ao mundo inteiro, não é uma guerra velho estilo, destas em que se empenhava a ambição de um povo ou a validade de uma dinastia; não é tão pouco um destes choques armados em que frequentemente desfechavam concorrências ou antagonismos econômicos exacerbados até ao paroxismo das grandes crises. Hoje, uma em face da outra, se encontram duas concepções do homem, da vida social, da civilização. E este contraste irreductível que atinge sob os nossos olhos a sua fase aguda e crítica, não é de hoje. Hitler e Stalin não são causas, são efeitos. O trabalho de desintegração da nossa cultura ocidental remonta muito mais longe, vem-se processando com rapidez crescente há duas ou três centenas de anos. Os historiadores de idéias poderão, com análise segura, reconstruir a árvore genealógica por onde se vem propagando a seiva envenenada alimentadora dos frutos que tanto nos amargam. A noção progressiva do espírito no homem subtraiu todos os fundamentos ontológicos de sua eminente dignidade, rebaldando-o a simples categoria de animal gregário, com organismo mais complicado e perfeito. A concepção mecanicista do universo, desconhecendo na teologia cósmica a expressão de uma inteligência criadora, cercou pela raiz a possibilidade de uma ordem que se impuzesse ao respeito do homem com a jerarquia intangível de seus valores. Já não havia barreiras que se opusessem eficazmente à apoteose do social. A força organizada do Estado, expressão de um bem supremo, (e onde se suprime Deus e o espírito que outro bem me estaria acima?), podia proclamar-se um absoluto, capaz de exigir o serviço incondicional do homem todo. E o totalitarismo nasceu. Nasceu no terreno das realidades sociais, depois de haver sido preparado na esfera do pensamento. Desta evolução fatal não deixaram as nações de ser advertidas pelas sentinelas vigilantes postas por Deus para orientação da humanidade trabalhada pelas paixões que transviam. Quando em 1878 Leão XIII afirmava que a família humana se achava à orla de um abismo e exortava as sociedades a conjurar a tempo a iminência da grande crise, o século XIX fez-lhe os ouvidos à sabedoria profética de seus conselhos. Enbalado pela euforia econômica do primeiro surto do capitalismo, embevecido pelos descobrimentos científicos — que haviam mudado a fisionomia material da civilização, hipnotizado pelo prestígio das palavras — luz e

progresso, leit-motiv da eloquência dos parlamentos e das praças, as advertências de Leão XIII soaram-lhe aos ouvidos dissipadas como tardios de outras eras, expressões de atitudes superadas que ainda se não haviam ajustado ao ritmo dos novos tempos.

E não atentou ao processo de decomposição com que o vírus de ideologias fatais lhe ia corroendo as entrañas. Mas o homem que por natureza indestrutível há de viver da verdade não pode intoxicar impunemente o seu espírito. Os grandes desvios no domínio do pensamento são inexoravelmente seguidos por grandes cataclismos sociais. Marx encontrou um Lenin que lhe traduzia “O Capital” em soviets. Hegel que proclamara o Estado prussiano a expressão suprema do Espírito absoluto, Nietzsche que afirmava o super-homem, com a sua vontade de poder afirmada para além das fronteiras do bem e do mal, aerão seguidos por Hitler que fará da hegemonia mundial do seu povo, um absoluto apostado a quebrar toda a tabua de valores da nossa civilização ocidental. O nevroptis genial da idéia que envenenou duas gerações de inteligências retomará o seu dinamismo destruidor no nevroptis genial da ação que derramará torrentes de sangue humano de todas as raças em todos os continentes.

Não quero investigar aqui — ainda que fora investigação interessante — por que motivos estas e não aquelas nações foram fadadas à experiência dolorosa. Por que as duas grandes monarquias militares — Rússia e Prússia, ofereceram o campo da cultura mais propício ao desenvolvimento do vírus totalitário. O alvo que leve em mira obriga-me a rumar para outra direção.

Quando no início da guerra as democracias ocidentais pegaram em armas, seu primeiro objetivo foi quebrar a mais poderosa máquina de guerra que uma ideologia fatal havia montado para a conquista do mundo. Perigavam as nossas liberdades mais caras; impunha-se a luta para a defesa dos fundamentos de nossa civilização periclitante.

Com o decorrer dos meses e dos anos, foi-se acentuando, mesmo para as grandes massas, o caráter ideológico da imensa luta, que por isto não nos permite uma neutralidade, quaisquer que sejam as nossas simpatias ou antipatias de nacionalidades. Da natureza do princípio totalitário, — por limitadas que sejam acidentalmente as suas aplicações práticas, é invadir todo o domínio da cultura e reclamar do homem uma submissão sem restrições, que não deixa intacto nenhum dos nossos valores espirituais. Não há quem não esteja convencido que a vitória nesta guerra acarretará uma imensidade e amplitude de consequências não só de ordem econômica e política, senão também de alcance moral e religioso, que não poderão deixar indiferentes nenhuma alma cristã.

Para exprimir este antagonismo de ideologias, por traz do contraste de armas, as grandes potências que cortaram o passo ao imperialismo invasor concretizaram nos “ideais democráticos” a síntese de suas aspirações e os motivos de sua intervenção armada. É uma triste contingência que não nos possamos subtrair à necessidade de nos servirmos de vocábulos que a convivência social torna obrigatória mas que a universalidade do uso corruga dos mais variados sentidos. É esta, sem dúvida, a sorte da palavra “democracia”, que, aos significados históricos de mais de dois milênios de existência, acrescenta todos os matizes que lhe emprestam sociólogos, políticos e filósofos de nossos dias. Emprestando-lhe também o nome em sentido bem restrito e preciso, um tanto diferente dos manuais de política ou direito.

Não entendemos por democracia um regime político caracterizado por instituições representativas ou parlamentares, baseadas no sufrágio direto, cujas duradas quase sempre em quadros republicanos. As formas de governo são contingências históricas, que variam de povo para povo, e, num mesmo povo, com as vicissitudes de sua evolução social. As aparências políticas de um governo popular não raro dissimulam na história a tirania das massas ou o despotismo das maiorias.

Por democracia entendemos, aqui e agora, a organização da vida comum baseada no respeito da dignidade de cada homem que vem a este mundo, como portador de um destino pessoal e próprio, para cujo conseguimento é titular de direitos imprescritíveis e inconfiscáveis. Assim compreendida, a democracia estende as suas exigências essenciais a todas as instituições, econômicas e políticas, jurídicas e sociais a todas impondo limites intransponíveis e a nenhuma saorificando as liberdades essenciais que condicionam a realização de cada pessoa humana. Poderá existir sob as aparências exteriores de um governo fortemente hierárquico e autoritário, mas será inimiga irreconciliável de qualquer totalitarismo, racista ou comunista.

Esta democracia que não é, repito, uma simples fórmula política de equilíbrio e limitação de poderes — pressupõe uma filosofia social e des-cansa numa doutrina do homem, sem a qual não passa de uma sonoridade vazia.

Por esta democracia nos batemos todos — quaisquer que sejam as nossas livres preferências em matéria de regimes políticos. — Defendê-la e restabelecê-la é defender os fundamentos naturais da concepção cristã da sociedade. E aí tendes porque os grandes chefes das nações aliadas, numa intuição profunda das realidades em jogo, mais de uma vez proclamaram que nesta guerra nos batiamos pela própria existência da civilização cristã.

Notável diferença a bem digna de reparo está entre a primeira e a segunda guerra mundial 1918: uma atmosfera impregnada do mais completo laicismo. Congressos, discursos oficiais, mandamentos wilsonianos, Versalhes, Liga das Nações: em toda esta que se julgava uma reconstrução pacificadora do mundo, não se pronunciou a palavra moral, menos ainda a cristã, exceto no art. 115 do tratado de Londres para a exclusão do Papado das negociações da paz. A subordinação política, divorciada de Deus e de Cristo, quis reconstruir com as próprias forças, a grande obra da convivência das nações num

“A FUNDAÇÃO DE
UMA UNIVERSIDADE
MARCA UMA DATA
NA HISTÓRIA
DE UM POVO;
A FUNDAÇÃO DE
UMA UNIVERSIDADE
CATÓLICA
SURGE, COMO
OS ESPLENDORES
E AS ESPERANÇAS
DE UMA AURORA,
NA VIDA DE UM
POVO CRISTÃO.”



Missa na Igreja do Colégio Santo Inácio.

“Uma Universidade é, antes de tudo, uma instituição de alta cultura; a expressão mais alta da inteligência de um povo; o órgão que, de geração a geração, transmite, com o patrimônio da ciência universal, o tesouro próprio e incomunicável de sua história, de sua literatura, de sua arte. Na austeridade do seu recinto forma-se o escol da nacionalidade, que amanhã responderá pelos seus destinos.

HOMENS DE CIÊNCIA E HOMENS DE AÇÃO,
RESPONSÁVEIS PELA ORIENTAÇÃO DO GOVERNO
OU PELO EXERCÍCIO DAS PROFISSÕES LIBERAIS,
TODOS OS QUE VINCAM PROFUNDAMENTE
NA HISTÓRIA DE UM POVO, VÃO BUSCAR,
NA FORMAÇÃO SUPERIOR DO ESPÍRITO,
A COMPETÊNCIA QUE OS ELEVE À GRANDEZA
DE SUA MISSÃO.”

PADRE LEONEL FRANCA



Memoria apresentada pelo R. P. Franca ao
 COPIA DA CARTA ENVIADA EM 15 de MAIO DE 1941
 Presidente da Republica a 20 de Junho de 1941

Exmo. Sr. Presidente da Republica.

As Faculdades Católicas, autorizadas a funcionar pelo Decreto Federal nº 6.409 de 30 de Outubro de 1940, insuraram solenemente as suas aulas a 15 de Março de 1941.

A primeira série dos seus cursos, na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, afluíram para logo numerosos alunos das mais distintas famílias desta Capital.

A consolidação e o desenvolvimento da obra exigem, porém, que se lhe dê, sem demora, sede própria e ampla, adaptada a todas as exigências do ensino mais moderno e eficiente.

Para facilitar esta grande empresa animam-se a pedir a V. Excis. queira fazer-lhes a doação de um terreno bastante extenso onde possam imediatamente começar a construção dos novos edifícios.

Os motivos que justificam a seus olhos semelhante pedido são os seguintes: Trata-se de uma instituição de caráter puramente cultural, destinada a elevar o nível intelectual, profissional e moral das novas gerações.

E' fundada, mantida e dirigida por brasileiros e abre as suas portas indistintamente a todos os patrióticos que queiram beneficiar de seu ensino.

Na sua direção é orientada pelos princípios que se prendem mais profundamente mais profundamente às tradições da nossa história e constituem a barreira mais eficiente contra a disseminação de ideologias subversivas do bem público e da paz social.

Além disto as Faculdades Católicas não tem nenhum caráter comercial; os membros do seu Conselho prestam os seus serviços gratuitamente e todas as rendas do seu patrimônio são empregadas exclusivamente em manter e aperfeiçoar o ensino sem que se distribua a menor parcela em dividendos ou outras formas de lucro mercantil.

Na sua origem e organização apresenta todas as garantias de solidez, duração e seriedade.

Creemos, portanto, que a doação para tão altas finalidades de um terreno pertencente à União poria um bem nacional a serviço de um bem comum de largo alcance e se enquadraria, perfeitamente, na letra e no espírito da Constituição de 10 de Novembro de 1937 que no seu art. 128 estatua:

"E dever do Estado contribuir, direta ou indiretamente, para o estímulo e desenvolvimento de umas (ciências e artes) e de outro (ensino), favorecendo ou fundando instituições artísticas, científicas e de ensino".

Se nos fôra lícito sugerir em concreto uma área que preencheria as condições exigidas pela finalidade da doação lembrariamos a anexa ao Hospital Nacional na Avenida Pasteur. Deste grande terreno poderia, sem se prejudicarem as exigências do Hospital, destacar-se uma área de 100 a 150 metros de comprimento em toda a largura da propriedade.

Se V. Excis. na sua generosidade, no seu largo descortino de estadista julgasse oportuno atender ao nosso pedido, as Faculdades Católicas muito se regozijariam de associar, com mais êste vínculo de gratidão imorredoura, a pessoa de V. Excis. a uma obra que, esperamos em Deus, está destinada, em longo futuro, a prestar ~~prestar~~ à Nação os mais relevantes serviços.

Com caracteres de ouro ficaria o nome de V. Excis. indelévelmente gravado na história da futura Universidade Católica do Brasil

P. Leonel Franca S.J.

Carta de Pe. Leonel Franca ao presidente da República em negociação pelos terrenos para a construção da PUC-Rio.

GABINETE DO MINISTRO

Rio, 16 de fevereiro de 1943.

Meu caro Padre Franca:

Falhei ha duas semanas ao nosso Presidente sobre o terreno para as Faculdades Católicas. Entretanto falhei ao ministro de Fazenda, o qual me disse que tambem o Presidente já me fallara a respeito do caso.

Como vê, as coisas parecem em bom andamento.

Peço-lhe que vá preparando a sua tradução da "Ratio studiorum", pois o livro "Jou' Olympio" quer iniciar a publicação da coleção profetizada.

Creia em amizade do seu

Gustavo Capanema.

Carta de resposta do Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema Filho, a Pe. Leonel Franca.

PUC-RIO, A OBRA DE LEONEL FRANCA

1941—1948

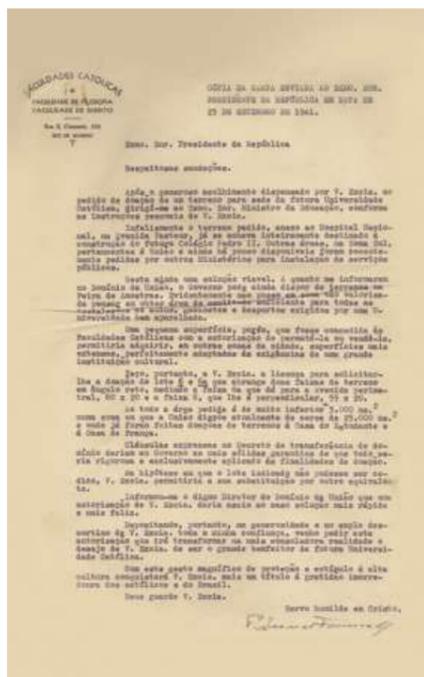


Construção do campus Gávea da PUC-Rio.



1941

Solenidade de instalação das Faculdades Católicas, 15 de março de 1941. Corresponde-se com o Presidente da República sobre a inauguração das Faculdades Católicas, iniciando negociação sobre terrenos para a construção da PUC-Rio. Publica *A crise do mundo moderno*.



1943

Avançam as negociações para obtenção dos terrenos para a PUC-Rio com troca de correspondências com o ministro da Educação do governo Getúlio Vargas, Gustavo Capanema Filho.

1944

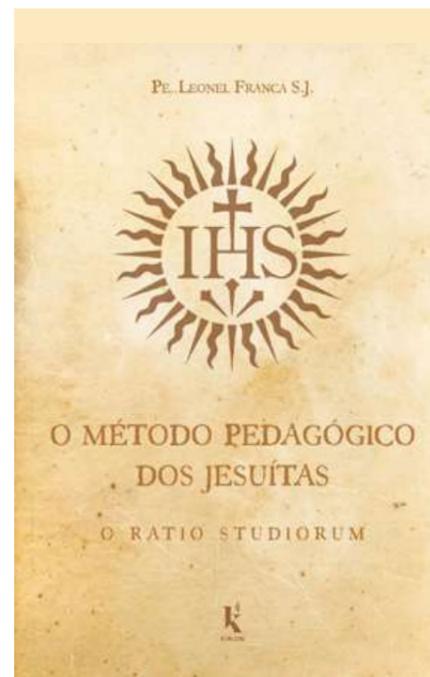
Publica a tradução de *Imitação de Cristo*.

1945

Homenagens a Pe. Leonel Franca no Dia do Reitor.

1947

Publica a tradução de *O Livro dos Salmos*. Nos últimos anos escreveu *A Pedagogia dos Jesuítas*, editada depois de sua morte.



1948

Pe. Leonel Franca morre aos 3 de setembro.

...rationem respondere...
...aut negligentiae aut oblivioni...
...michi...
...sigilla postulant...
...procedere...
...facile...
...maius...
...Nunc...
...quod...
...descriptionem...
...tibi...
...procedere...
...provenit...
...in...
...di...
...sentiter...
...a...
...multitudine...
...i genere...
...in...
...sive...
...vobis...
...et...
...fuerit...
...mihi...

“Remover, ao lado dos econômicos e políticos, os obstáculos humanos à democracia é um dos deveres capitais da hora presente, e à educação, de modo particular, incumbe a árdua e delicada tarefa.

E nenhum ambiente educativo mais sadio e mais favorável para o seu desempenho que o de uma universidade católica.

AQUI, A DIGNIDADE HUMANA,
ALMA DE TODA DEMOCRACIA,
PORQUE PRINCÍPIO
DA INVIOABILIDADE
DOS NOSSOS DIREITOS,
É UMA REALIDADE PROFUNDA
E PALPITANTE, QUE IMPREGNA
AS LIÇÕES DA NOSSA
DOUTRINA COM OS EXEMPLOS
DA NOSSA VIDA.”

PADRE LEONEL FRANCA



PROFESSORES
DA PUC-RIO.

“A PUC-RIO,
PRIMEIRA
UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO PAÍS,
É CERTAMENTE
A OBRA MAIS
IMPORTANTE
DE LEONEL FRANCA
NO CAMPO DA
EDUCAÇÃO.”

PE. JOÃO A. MAC DOWELL, S.J.



Início das construções do campus.



Pe. Leonel Franca e professores. Alceu Amoroso Lima de terno branco à direita.

“Sinto renascer o meu amor a Jesus, o meu entusiasmo pelo Divino Rei, mais terno, mais afetivo, mais profundo... Dar-me todo aos interesses de Jesus, ao bem das almas. Meu tempo é todo de Cristo. Meus dias devem ser cheios de atividade apostólica. No fim do dia, *fatigatus ex itinere*, oferecer meu cansaço a Jesus. Aceitar a morte como meu supremo sacrifício de sacerdote. Tantas vezes ofereci o sacrifício de Nosso Senhor. Agora, em união com o dele, o sacrifício de minha vida.

OFERECER ESTE SACRIFÍCIO
COMO UM ATO LITÚRGICO
PELOS FINS ESSENCIAIS
DE TODO SACRIFÍCIO:
ADORAÇÃO, AÇÃO DE GRAÇAS,
IMPETRAÇÃO, PROPICIAÇÃO,
ÚLTIMO ATO DE MINHA
VIDA SACERDOTAL:
A SUPREMA OBLAÇÃO.”

PADRE LEONEL FRANCA

“POR SUA INICIATIVA
(DA IGREJA) SE ASSOCIARAM
PROFESSORES E ALUNOS
DE TODAS AS DISCIPLINAS
DO SABER, NA UNIDADE
DE UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO
QUE FOSSE A *ALMA MATER*
DE UMA DINASTIA
ININTERRUPTA DE SÁBIOS
E O INSTRUMENTO
INCANSÁVEL DE PROGRESSO
DA CIÊNCIA.”

PADRE LEONEL FRANCA

“UNIVERSIDADE CATÓLICA.
DOIS TERMOS PARA
SEMPRE ASSOCIADOS
PELA VERDADE
DA HISTÓRIA...
INDISSOLUVELMENTE
UNIDOS PELOS VÍNCULOS
DE AFINIDADES INTERNAS,
INDESTRUTÍVEIS.”

PADRE LEONEL FRANCA

Maquete de projeto do campus PUC-Rio Gávea.



LEONEL FRANCA E A DEMOCRACIA

Não entendemos por democracia um regime político caracterizado por instituições representativas ou parlamentares, baseadas no sufrágio direto, emolduradas quase sempre em quadros republicanos. As formas de governo são contingências históricas, que variam de povo para povo, e, num mesmo povo, com as diferentes fases de sua evolução social. As aparências políticas de um governo popular não raro dissimularam na história a tirania das massas ou o despotismo das maiorias.

Por democracia entendemos, aqui e agora, a organização da vida comum baseada no respeito da dignidade de cada homem que vem a este mundo, como portador de um destino pessoal e próprio, para cujo conseguimento é titular de direitos imprescritíveis e inconfiscáveis. Assim compreendida, a democracia estende as suas exigências essenciais a todas as instituições, econômicas e políticas, jurídicas e sociais a todas impondo limites intransponíveis e a nenhuma sacrificando as liberdades essenciais que condicionam a realização de cada pessoa humana.

Esta democracia que não é, repito, uma simples fórmula política de equilíbrio e limitação de poderes – pressupõe uma filosofia social e descansa numa doutrina do homem, sem a qual não passa de uma sonoridade vazia.

Por esta democracia nos batemos todos – quaisquer que sejam as nossas livres preferências em matéria de regimes políticos. Defendê-la e restabelecê-la é defender os fundamentos naturais da concepção cristã da sociedade. E aí tendes por que os grandes chefes das nações aliadas, numa intuição profunda das realidades em jogo, mais de uma vez proclamaram que nesta guerra nos batíamos pela própria existência da civilização cristã.

FRANCA, Leonel. "A universidade e o patrimônio de nossa civilização", Boletim do A.P.C., 1944.

“A FILOSOFIA QUE DEVE
ORIENTAR A EDUCAÇÃO,
NAS SUAS LINHAS GERAIS
NÃO É BRASILEIRA,
NEM ALEMÃ, É HUMANA.”

PADRE LEONEL FRANCA



Professores e alunos da PUC-Rio.

“A cultura católica processa-se sob o signo da unidade e da síntese. Uma concepção integral da vida permite desenvolver a harmonia da sua organicidade... Pela vitalidade própria do seu dinamismo uma universidade católica é um feixe de forças construtivas. Sua missão é realizar a síntese orgânica do saber, orquestrar a estruturação inteligente e justa dos elementos da vida social, esclarecer os fundamentos constantes da solidariedade e da paz na convivência dos povos.

SUA ASPIRAÇÃO
SUPREMA:
CONSOLIDAR
O AMOR DIFUNDINDO
A VERDADE.”

PADRE LEONEL FRANCA

“PARECE-ME QUE
ESTOU SINCERAMENTE
DESAPEGADO DE TODAS
AS CRIATURAS... O AMOR
DE DEUS É SÓ O QUE ME
INTERESSA NA VIDA...
É TÃO BOM VIVER NA
PRESENÇA DE DEUS,
NA DOAÇÃO COMPLETA
DE UM AMOR QUE NÃO
MEDE SACRIFÍCIO!”

PADRE LEONEL FRANCA



Pe. Leonel Franca com Dr. Afonso Penna Jr., que foi professor da PUC.



PADRE LEONEL FRANCA

NÃO HESITOU JAMAIS, NÃO MUDOU DE RUMOS

N O dia 22 de dezembro de 1949, o Padre Leonel Franca recbia a provisão do Cardeal Leme, nomeando-o Reitor das Faculdades Católicas. Mas somente em 1948 as Faculdades Católicas seriam elevadas à categoria de Universidade. E em 1947 a Santa Sé agraciava a nova Universidade com o título de Pontifícia. No dia 3 de setembro de 1948, aos 55 anos de idade, falecia no Rio o Padre Franca. E o seu biógrafo, Padre D'Elboux, sintetiza:

— Antes mesmo que se erga qualquer monumento, permanece no coração da Universidade Católica do Rio de Janeiro a imagem inconfundível do Padre Leonel Franca, perfeito ideal de professor e aluno. Sua morte, nos afirma o professor Américo Jacobina Lacombe, ao contrário de uma catástrofe, foi a fixação da lição intelectual e moral que o Padre Franca imprimiu à nossa atividade — aquela conjunção de firmeza e suavidade, de energia e cortesia, que fazia dele uma flor da cultura e da civilização católica brasileira.

Leonel Franca nasceu a 6 de 7 de janeiro de 1893 em S. Gabriel, no Rio Grande do Sul e ingressou na Companhia de Jesus a 12 de novembro de 1918 vestindo a balma no Noviciado de S. Paulo aos 3 de dezembro, festa de S. Francisco Xavier. Em 1912 segue para Roma onde faz o triênio de Filosofia na Universidade Gregoriana. No ano seguinte recebe a tonsura e as Ordens Menores e em 1916 publica seu primeiro livro: *Necessidade da História da Filosofia*. Em 1920 parte para Roma iniciando o curso de Teologia e em maio de 1923, numa crise cardíaca, recebe os últimos sacramentos.

Sobre ele, records Alceu Amoroso Lima:

— Era a mais ardente das almas no meio fraterno dos colegas. Seguiu uma trajetória tranqüila e igual, no desenvolvimento intelectual e espiritual mais harmonioso da nossa geração. Não hesitou jamais, não mudou de rumos. Desde menino, por influência de um tio, Menzinhos Macedo Costa, viu a carreira eclesiástica e o caminho de sua vocação. Educado pelos jesuítas, seguiu as pegadas dos primeiros e maiores educadores do Brasil colonial e sertão, no fim de sua vida, o mais perfeito dos formadores de alma. Teve uma formação humanista como nenhum outro de nossa geração. Equilíbrio e serenidade característicos foi sempre a de aprender as coisas principais depois das secundárias, e as primeiras depois das úl-

timas, ele estudou tudo a seu tempo, no seu lugar e na devida proporção, de forma que foi seu compatriota, a cabeça mais bem moldada de todos nós. Mas seu coração falhou. Esse coração que seria tão grande, tão compassivo, tão afeito a Deus, mais tarde, a tantos corações angustiados, começou a falhar. Hicissamente deste mocinho e em Bad Nauheim, onde foi consultar um médico ao deixar a Universidade romana para voltar ao seu Brasil, lhe predisseram vida curta e de pouca atividade.

A vida do Padre Leonel Franca seria curta, é verdade, mas foi marcada por intensa atividade. No mesmo ano em que sofreu o primeiro ataque cardíaco, foi ordenado subdiácono, diácono e sacerdote e publicou o livro *Reforma e a Civilização*. Em 1924, com o exame de graduação doutorou-se em Teologia e Filosofia e em novembro dirige-se a Opa, na Espanha, para o ano da Terceira Provação. Em setembro de 1925, volta ao Brasil. E no ano seguinte, na festa da Purificação de Nossa Senhora, faz a Profissão Solene no Colégio Anchieta de Nova Friburgo, onde permanece empenhado na História da Filosofia, Psicologia Experimental e Química, e publica o livro *Relíquias de uma Polêmica*. Em 1927 recebe novamente a Extrema-Unção, mas recupera-se e em maio transfere-se para o Rio de Janeiro, onde é nomeado Prefeito dos Estudos no Colégio Santo Inácio, além de assistente de várias associações católicas. Publica *Ensino Religioso e Ensino Lógico* e o *Divino Início*, em 1931 é nomeado para o Conselho Federal de Educação.

Sobre esta fase, depois Alceu de Amoroso Lima:

— O Padre Franca iria dominar, com seu espírito, um grande setor intelectual da vida brasileira nos anos 30 e 40. Com as polémicas com os protestantes ou José Otília, ou com suas conferências e mais tarde com a fundação da primeira Universidade Católica brasileira e sua interferência pessoal e decisiva em todos os problemas de educação — uma situação intelectual que se traduz nos 14 volumes de suas *Obras Completas*. E acima de tudo, na marca indelével deixada em nossa geração e sobre as novas gerações que, na confissão do do Santo Inácio, ele guiou: na sua infância e adolescência e hoje começam a atuar na vida pública.

A incessante atividade intelectual do Padre Franca o leva a publicar, em 1933, *Catolicismo e Protestantismo* e Leonel e o Sr. Frederico Hansen, nomeado vice-diretor do Colégio Santo Inácio, exerce por seis meses esse cargo, depois de

publicar *A Psicologia da Fé* novamente cal enfermo e é unido pela terceira vez. Recuperado, publica em 1934 o *Protestantismo no Brasil* e trabalha ativamente para a fundação da Universidade Católica, do qual é nomeado primeiro Reitor em 1940. Até morrer, em 1948, a Universidade Católica foi sua grande missão, mas apesar de esgotado nos trabalhos de educação e administração, encontra tempo para o trabalho intelectual e publicou *A Crise do Mundo Moderno* (1941), a tradução da *Imitação de Cristo* (1944) e a tradução do *O Livro dos Salmos* (1947).

No testamento espiritual do Padre Leonel Franca, transcrito no trabalho *O P. Leonel Franca e a Ideia da Universidade Católica no Brasil*, do P. Pedro Américo Maia, S. J. são apresentadas algumas ideias do fundador da PUC sobre a instituição.

— Uma Universidade é antes de tudo, uma instituição de alta cultura — escreve o P. Franca. E a expressão mais alta da inteligência de um povo, o órgão que, de geração em geração, transmite, com o patrimônio da ciência universal, o tesouro próprio e incommunicável de sua história, de sua literatura, de sua arte. Na sustentação de seu recato forma-se o eixo da nacionalidade, que a amanhã responderá por seus destinos. Honra de cidade e homens de ação, responsáveis pela orientação do governo ou pelo exercício das profissões liberais, todos os que vinculam profundamente na história de um povo, vão buscar, na formação superior do espírito, a

competência que os eleva à grandeza de sua missão.

E sobre a função da Universidade:

— A Universidade é essencialmente transmissora de cultura. Por isso e que, ao lado de um corpo docente, lhe é necessário um dispendioso vivo. Nos seus recintos encontram-se, na intimidade de um convívio de todos os dias, duas gerações: dos mestres, lato é, a geração dos que assimilam, nos limites de suas especialidades, todas as riquezas culturais de um a época; a geração de alunos, lato é, dos que pesam a lançar-se na atividade plena desajam entrar na posse dos tesouros de cultura que lhes pode oferecer o meio social em que vão irradiar com vigor e energia de jovens, a sua ação fecunda. A missão universitária é formar o homem superiormente culto. Dos seus recintos saem os que amanhã no Governo do país, na magistratura e na administração pública, no sacerdócio e no exercício das profissões liberais, constituirão o sistema nervoso do organismo social. De tipo superior de homens que formam estes centros de estudos elevados dependerá o nível de cultura de uma nação, a solidez e eficiência de suas instituições, a riqueza de valores que ela poderá oferecer aos seus filhos para expansão de sua humanidade.

E a seguir, numa síntese:

— A Universidade Católica não será apenas um centro superior de estudos, desinteressado na vida e nas realidades; não, será um foco de inteligên-

cia e de caridade, a serviço da ciência e das almas, integrada profundamente na sociedade, estimulando, analisando, a serviço da verdade e do amor.

— Ao escrever sobre os objetivos políticos da Universidade Católica, o P. Franca foi incisivo:

— Remover, ao lado dos econômicos e políticos, os obstáculos humanos à democracia, e um dos deveres capitais da hora presente, e a educação, de modo particular, incumbe a árdua e delicada tarefa. E nenhum ambiente educativo mais sadio e mais favorável para seu desempenho que o de uma universidade católica. Aqui a dignidade humana, acima de toda a democracia, no que princípio da inviolabilidade dos nossos direitos, é uma realidade profunda e palpante, que impregna as línguas da nossa doutrina com os exemplos de nossa vida. Desde a pregação evangélica a lembrar-nos o valor incomensurável de uma alma, superior a de todo o universo sensível, até as mais altas sistematizações do pensamento filosófico, que explicam e justificam este valor numa visão objetiva e coerente do universo, tudo aqui nos fala da grandeza singular do homem, todo nos incute a fraternidade humana, radcada e erbejada na igualdade da natureza, na identidade das origens, na comunhão dos destinos que se estendem para além do tempo, a dominarem com a permanência de seus valores essenciais as variações contingentes de raça e de cultura, tudo nos faculta com o valor imenso de liberdade, na realização integral do

homem. Il maggior domi che Dio fesse creando e quel ch'è più como cuncto o divino Allighieri, a necessidade imperiosa de conquistá-la, porque a liberdade é uma conquista — arrancando-a aos determinismos humilhantes dos impérios interiores e de países tal disciplinados, para pô-la ao nobre súprio da Verdade e do Bem.

Firmado uma autêntica visão cristã, o Padre Franca consubstancia em dois itens fundamentais a missão da Universidade Católica:

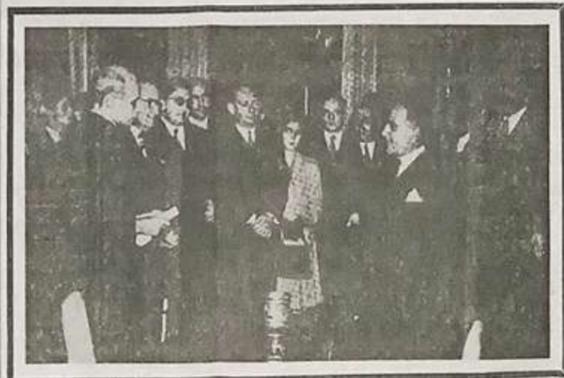
1. Formar sábios investigadores intelectuais, habilitados no trabalho que faz progredir a ciência, laurear doutores, função científica.
2. Formar profissionais da chamadas carreiras livres, homens possuidores de conhecimentos científicos indispensáveis a uma aplicação prática, específica, com fim utilitário, técnico, técnico para o exercício das profissões mais elevadas: função profissional, função social.

As ideias de Leonel Franca são claras e perfeitadas. Estão em seus livros e continuam harmoniosas o caminho dos educadores que se empenham no trabalho de dar continuidade à sua obra, na PUC. Mas quem era realmente Leonel Franca? E também de Alceu Amoroso Lima o testemunho final:

— Na missão de seis e meia da manhã, no Santo Inácio, esse homem que mal pensava sobre a terra e era só o céu, num corpo moço e transbordante, esse homem que suas discussões era ágil como um esgrimista e lógico como um escolástico, que tinha o estilo de Frei Barbosa e o coração de Anchieta, esse homem que organizava laboratórios de física e fundava Universidades, que se pendurava nos estírios de bondade e conhecida os caminhos mais recônditos do coração humano — na missão de manzilinha esse homem era um místico e a sua missão era dita de tal maneira que uma aura misteriosa lá parecia cercar de luz essa cabeça prematuramente desguarnecida, que Deus à nossa geração o sentido profundo da Ordem sobrenatural.

Com missa e sessão solene a PUC do Rio prestará homenagem ao Padre Leonel Franca, no transcurso de 20ª aniversário de sua morte, hoje. A missa será celebrada na capela da PUC, quarta-feira, dia 6 e a sessão solene está marcada para o dia 12 de outubro, ocasião em que será entregue a vários antigos mestres e título de Professor Emérito da PUC.

O Padre Leonel Franca no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo (E); seu retrato na Galeria dos Reitores da PUC; aos 20 anos e em Bad Nau-Heim, Alemanha, com o Reitor da Universidade Gregoriana, em 1923



Setembro de 1913; com Vargas no Café, agradecendo a doação de um terreno às Faculdades Católicas

“QUE FAZER NESTES POUCOS DIAS QUE AINDA ME CONCEDE A BONDADDE DE DEUS? TRABALHAR, SOFRER, ORAR. INTENSIFICAR A UNIÃO COM DEUS, A INTIMIDADE COM JESUS. ESFORÇAR-ME POR CHEGAR À CARIDADE PERFEITA...”

PADRE LEONEL FRANCA

LEONEL FRANCA
NÃO CHEGOU
A CONHECER
A UNIVERSIDADE
EM SUA
LOCALIZAÇÃO
ATUAL.



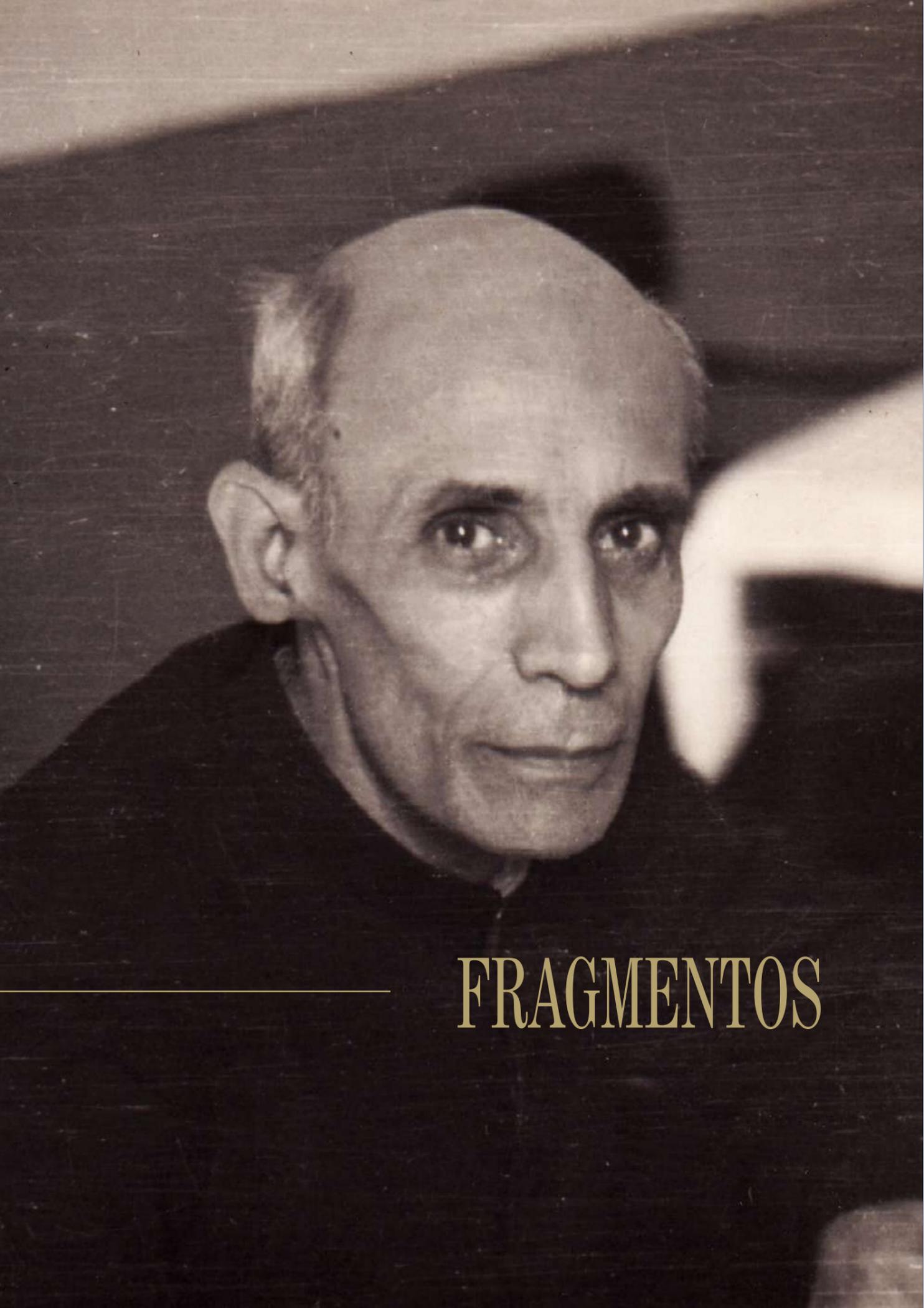
CONSELHO NACIONAL
DE EDUCAÇÃO, EM VISITA
A OBRAS DO CAMPUS.

“NESTE AMBIENTE,
O CORPO PROFESSORAL
QUE ESPELHA,
NA VARIEDADE DE SUAS
ESPECIALIZAÇÕES,
A DIVERSIDADE DO SABER
HUMANO ENCONTRA,
SOB INFLUÊNCIA DA FÉ,
O SEGREDO DE SUA UNIDADE
ORGÂNICA E A HARMONIA
DE SUA COLABORAÇÃO
FRATERNA.”

PADRE LEONEL FRANCA

CONSTRUÇÃO
DO EDIFÍCIO
CARDEAL LEME.





FRAGMENTOS

POÉTICOS

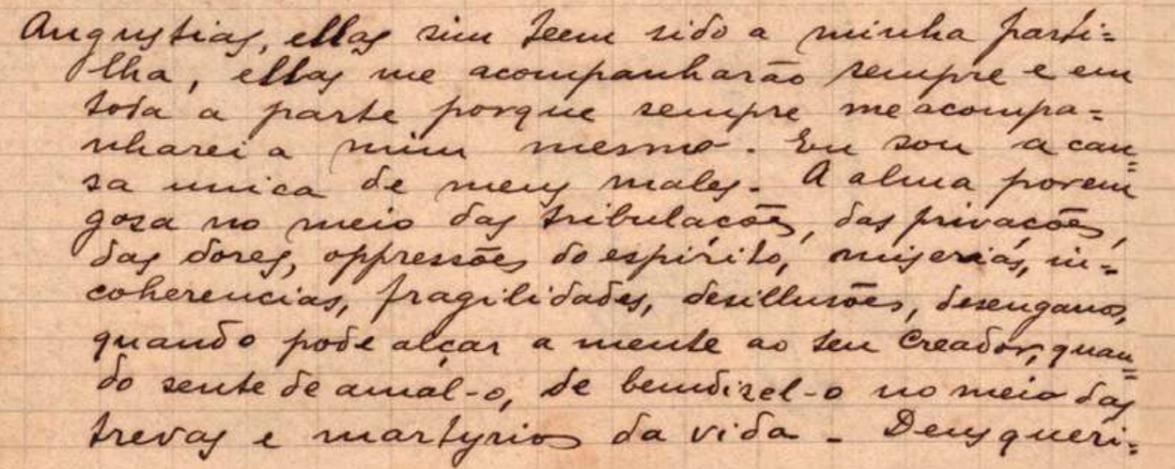
TRANSCRIÇÃO
E ESTABELECIMENTO
DE TEXTO FINAL:
LEANDRO GARCIA

PENSAMENTO
FILOSÓFICO
DE PE. LEONEL
FRANCA, S.J.

Eu tenho poucas ações importantes que empreender: tudo o que faço não passa do vulgar, a não ser que são importantíssimas as mesmas ações comuns da vida que encetei.

**TUDO É GRANDE PARA
UM CORAÇÃO NOBRE
QUE VIVE DE AMOR E QUE TUDO
VALORA PELA RETIDÃO**

de intenções e que tudo purifica no acrisolado fogo da caridade. O mesmo comum da nossa vida apostólica não é comum para as almas superiores que não param na superfície das coisas.



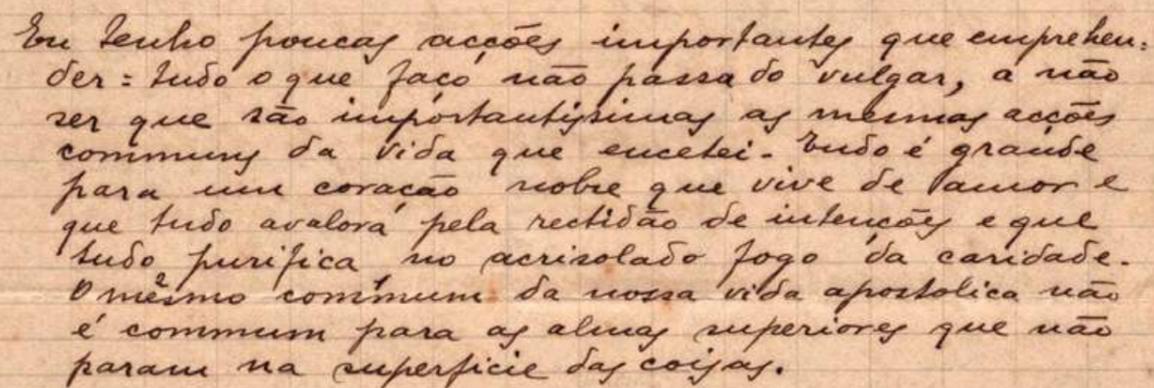
Angústias, ellas sim têm sido a minha partilha, ellas me acompanharão sempre e em toda a parte porque sempre me acompanharei a mim mesmo. Eu sou a causa única de meus males. A alma porém goza no meio das tribulações, das privações, das dores, oppressões do espirito, misérias, incoherências, fragilidades, desillusões, desenganos, quando pode alçar a mente ao seu Criador, quando sente de amá-lo, de bendizê-lo no meio das trevas e martírios da vida - Deus querido.

PENSAMENTO
FILOSÓFICO
DE PE. LEONEL
FRANCA, S.J.

Angústias, elas sim têm sido a minha partilha, elas me acompanharam sempre e em toda a parte porque sempre me acompanharei a mim mesmo. Eu sou a causa única de meus males. A alma, porém, goza no meio das tribulações, das privações, das dores, oppressões do espírito, misérias, incoerências, fragilidades, desillusões, desenganos. Quando pode alçar a mente ao seu Criador, quando sente de amá-Lo, de bendizê-Lo no meio das trevas e martírios da vida -

**DEUS QUERIDO DE MINH'ALMA,
ÚNICO E INFINITO BEM,
MEU SENHOR, MEU TUDO,
VÓS SOIS TODO MEU E EU
QUERO SER TODO VOSSO.**

Assim seja.



Eu tenho poucas ações importantes que empreender: tudo o que faço não passa do vulgar, a não ser que são importantíssimas as mesmas ações comuns da vida que encetei. Tudo é grande para um coração nobre que vive de amor e que tudo avalora pela rectidão de intenções e que tudo purifica no acrisolado fogo da caridade. O mesmo comum da nossa vida apostólica não é comum para as almas superiores que não param na superfície das coisas.

A meu pai
no dia do seu aniversário

Oh! pai querido que meu peito adora,
Filho distante do saudoso lar
Onde hoje reúnem todos, todos cantam

Bem quizera eu cantar
Também, quizeria sim cantar o hynno
Da gratidão e de filial amor,
Mas como podem rudes, toscos versos

Se vivo, se respiro, penso e amo,
Se contemplo os céus
A harmônica beleza, se da terra
Ora tantos encantos perceber
Me é dado a ti o devo, que me deste
Tudo com o viver.

Como do sol aos fecundantes raios
Abre nos campos o botão gentil
Uma a uma as pétalas formosas,
Pelas manhãs de abril,
Assim outrora o juvenil talento,
O coração, toda minh'alma em flor,
Aos teus santos desvelos, pai querido,
Ao vivo calor
De teus olhos, s'entreabriu sedenta
de Beleza, Verdade, Amor e Luz.

Ora longe do vão rumor do mundo
Acolhido da Cruz

POEMA

A MEU PAI, NO DIA DO SEU ANIVERSÁRIO

Oh pai querido que meu peito adora,
Filho distante do saudoso lar
Onde hoje reúne todos, todos cantam.

Bem quizera eu cantar também,
Quizeria sim cantar o hino
Da gratidão e de filial amor,
Mas como podem rudes, toscos versos
Sem vida, sem ardor,
Ternos afetos que inspiram a
Provida natura e ordena Deus?

Se vivo, se respiro, penso e amo,
Se contemplo dos céus a harmônica beleza,
Se da terra ora tantos encantos perceber
me é dado
A ti o devo, que me deste tudo com o viver.

Como do sol aos fecundantes raios
Abre nos campos o botão gentil
Uma a uma as pétalas formosas,
Pelas manhãs de abril,
Assim outrora o juvenil talento,
O coração, toda minh'alma em flor,

Aos teus santos desvelos, pai querido,
Ao vívido calor dos teus conselhos,
Se entreabriu sedenta de Beleza,
Verdade, Amor e Luz.

Ora, longe do vão rumor do mundo
Acolhido da cruz à sombra, adoro a
Providência
amiga que desta vida, no agitado mar,
Oh Pai, seguro guia deu-me.

Doce anjo tutelar,
Que te darei de tanto amor em paga?
Pobre sou, pai querido, da fugaz
Terra nada possuo; mas que importa?
De teu filho terás neste mundo o
Coração e amor perpétuos.

No empíreo um dia os anjos a cantar:
"Tua pátria é o céu, ouvir-te-ão sorrindo
Eterna lei gozar!"

Leonel Franca, S.J.
Roma, dezembro de 1919.

A Mater Pietatis

E as santas aras de festivo incenso
Embalsamadas e as olentes flores
Todas matizes e os devotos hinos
que nos irrompem

Gratos dos peitos, hoje, tudo falla
Do nosso amor a mystica linguagem falla:
É o amor ardente que a vê, Mãe bondosa
Verem seus filhos.

Filhos, que longe do agitado mundo
No teu maternal regaço
Parallelo si, o Virgem, doce alento
Tesouro e vida.

Lança-te, oh alma, na amplidão dos ares
Remonta o voo às cíclicas esferas...
Canta, tu, lira, plácida modula
festiva carne

Que as glórias lembrem desta Mãe querida,
Virgem, que intacta fecundada é feita
(alto mysterio!) terna Mãe, esposa
Filha do eterno!

Virgem Maria, o omnipotente artista
Em te criando acobrem mimosa,
É ao verte bella qual cessem mimosa ou
radiante

É da vestida de Beleza eterna
Do sol divino, qual em balde tenta
O mortal vate faserem-te, tempo
É o amor ardente.

E sendo o enlevo da eternal Bondade,
És mãe, o Virgem, dos mesquinhos homens,
É meiga amante a prodigar caminhos
Velas teus filhos.

Vives com os filhos num affecto mútuo
Amando e amada, recebendo os votos
E os mil desejos destes teus queridos
Que já na terra felizes gozam a sorte

Felizes gozam a lieala sorte
Do povo eleito lá do assento etéreo:
Ditosa viagem da mansão dos justos,
Sublime quadro!

Fracos, oh lira, são os teus arpejos,
Tua voz ouvi-la que no segredo
Murmurando falem amor às almas.

Leonel Franca - 17-8-1913 - Alhamo

POEMA

A MATER PIETATIS

E as santas aras do festivo incenso
Embalsamadas e as olentes flores
Todas matizes e os devotos hinos que
nos irrompem
Gratos dos peitos, hoje, tudo fala.
Do nosso amor a mística linguagem fala:
É o amor ardente que a vê,
Mãe bondosa desses seus filhos.

Filhos, que longe do agitado mundo
No teu maternal regaço descansam
Para eles és, oh Virgem, doce alento
Tesouro e vida.

Lança-te, oh alma, na amplidão dos ares e
Remonta o voo às cíclicas esferas...
Canta, tu, lira, plácida modula festiva carne
Que as glórias lembrem desta Mãe querida,
Virgem, que intacta fecundada é feita
(alto mysterio!) terna Mãe, esposa, Filha
do eterno!
Virgem Maria, o onipotente artista
Ao ver-te bella qual cessem mimosa ou
radiante

Toda revestida da Beleza eterna do sol
divino,
Qual em balde tenta o mortal vate
descrever-te,
Terno te amou bondoso.

E sendo o enlevo da eternal Bondade,
És mãe, oh Virgem, dos mesquinhos
homens,

E meiga amante a prodigar caminhos
velas teus filhos.
Vives com os filhos num afeto mútuo
Amando e amada, recebendo os votos
E os mil desejos destes teus queridos

Que já na terra felizes gozam a sorte
Do povo eleito lá do assento etéreo:
Ditosa viagem da mansão dos justos,
Sublime quadro!

Fracos, oh lira, são os teus arpejos,
Tua voz ouvi-la que no segredo
Murmurando falem amor às almas.

Leonel Franca, S.J.
17 de agosto de 1913.

Dia feliz

(Aos neolevitas de 1914)

Dia feliz e de venturas cheio!
Levitas do Senhor, alçai a fronte,
Eu vos saúdo e vos invejo a sorte,
Do fundo d'alma perceberes sinceros.

Entre o folgar ingenuo

Da leve infância, n'alma juvenil,
(Qual do jasmim o odor brota espontaneo)

Num dia em magico florir, sorriu-vos

Encantadora ideia.

No altar de luz e flores adornado

Vistes, visao do paraíso! Em rolos

De unwordado incenso a hostia pura,

Castida, immaculada e semitellos

Fulgores, esplendendo, alva e brilhante

Nas mãos de um mortal

N'alma infantil arderam fervorosos,

Insôfregos desejos - e jurastes -

E o vosso juramento foi a força

Que durante a carreira dilatada

Vos infundiu vigor, alento e vida.

Bem longo foi o estadio, que longinqua

Era a meta. Mas... lutas, dissabores

Trabalhos e fadigas esvaíram-se.

Fortes o amor e a esperança triunfaram.

Entre arrebóis de luz, alfines no céu

Raiou purpureo e bello, o excelso dia

De vossos corações um elo ardente.

Haveis a chave do mysterio excelso

Ao vosso aceno pela vez primeira

Hoje se envergam os céus,

Mais - não ouvis, longe, o feroz rugir
De mil pelejas? Vede estas falanges

Qual vagalhões revoltos, que se investem
Furibundos, se encontram, se entrechocam,

Em duro embate, pleito encarniçado
De vida ou morte? - De Satã as hordas

Em esforço extremo de implacável ódio,
As almas resgatadas, uma a uma

A Christo arrebatam contendem. Mas ah!
Que dentre os esquadões fieis, eu vejo

Um punhado de bravos avultar -
"Jesus" traçam esculpidos na visceras.

No peito o seu amor - e destes braços
Sois vós - fugi da milicia sauda

A saure ni vntidensa recedentes.
Sob a bandeira vivida que a redear

gigante sobre os fortes em o sol
Adriente do rumo de Jesus,

armados, ora, si' poderdes apóitos
à fugua arremetter - à sua sombra

E' doce o pelgjar, gaato o morrer -
Dia feliz e de venturas cheio

Levitas do Senhor alçai a fronte,
Eu vos saúdo e vos invejo a sorte.

Do fundo d'alma perceberes sinceros.

Paris. 27/1/14 *Leontine*

POEMA

DIA FELIZ

(AOS NEOLEVITAS DE 1914)

Dia feliz e de venturas cheio!
Levitas do Senhor, alçai a fronte,
Eu vos saúdo e vos invejo a sorte,
Do fundo d'alma perceberes sinceros
Entre o folgar ingenuo da
Leve infância, n'alma juvenil,
(qual do jasmim o odor brota espontaneo)
Num dia em magico florir, sorriu-vos
Encantadora ideia.

No altar de luz e flores adornado
Vistes, visao do paraíso! Em rolos de
Encorpado incenso a hostia pura,
Cândida, imaculada a centelhar
Fulgores, esplendendo, alva e brilhante
Nas mãos de um mortal.
N'alma infantil arderam fervorosos,
Insôfregos desejos - e jurastes -
E o vosso juramento foi a força
Que durante a carreira dilatada
Vos infundiu vigor, alento e vida.

Bem longo foi o estadio, que longinqua
Era a meta. Mas... lutas, dissabores,

Trabalhos e fadigas esvaíram-se.
Fortes, o amor e a esperança triunfaram
Entre arrebóis de luz, ao fim, no céu
Raiou perpétuo e belo, o excelso dia
De vossos corações um elo ardente.
Haveis a chave do mysterio excelso,
Ao vosso aceno pela vez primeira
Hoje se envergam os céus,
Rasgam-se as vestes e o
Eterno Senhor de infindos mundos
Meigo, humilde vos vem pousar nos dedos.
Dia feliz!

Mas, não ouvis, longe, o feroz rugir
De mil pelejas? Vede estas falanges
Qual vagalhões revoltos que se investem
Furibundos, se encontram, se entrechocam
Em duro embate, pleito encarniçado
De vida ou morte? De Satã as hordas
Em esforço extremo de implacável ódio,
As almas resgatadas, uma a uma
A Cristo arrebatam contendem. Mas ah!
Que dentre os esquadões fieis, eu vejo
Um punhado de bravos avultar,

"Jesus" – trazem esculpido na viseira.

No peito o seu amor – e destes bravos
Sois vós – hoje da milícia santa
A santa investidura recebestes.
Sob a bandeira rediviva que
Gigante cobre os fortes com o sol
Radiante do nome de Jesus,
Amados, ora já podeis afoitos
Arremeter – à sua sombra é
Doce o pelejar, grato o morrer.

Dia feliz e de venturas cheio,
Levitas do Senhor alçai a fronte.
Eu vos saúdo e vos invejo a sorte.
Do fundo d'alma parabéns sinceros.

Leonel Franca, S.J.

Roma, 27 de julho de 1914.

No peito o seu amor – e destes bravos
Sois vós – hoje da milícia santa
A sacra investidura recebestes.

Sob a bandeira rediviva que a ondear

Gigante cobre os fortes com o sol

Radiante do nome de Jesus,

Amados, ora, já podeis afoitos

à fuga arremeter – à sua sombra

é doce o pelejar, grato o morrer –

Dia feliz e de venturas cheio

Levitas do Senhor alçai a fronte.

Eu vos saúdo e vos invejo a sorte!

Do fundo d'alma parabéns sinceros.

Roma. 27/7/14 Leonel Franca

POEMA

ADEUS AO P. ROVINI

Se em versos exprimir me fora dado
Os sentimentos que no peito aninho,
Se no sonoro acento e delicado
Que falais, também eu cantar pudera
Em doces ritmos, gratas melodias
As expressões dum coração fraterno
D'amor vozes sinceras ouvirias...
Cala-se a lira: os corações se entendem.

Leonel Franca, S.J.
6 de outubro de 1912.

+

Adeus ao P. Rovini

Se em versos exprimir me fora dado
Os sentimentos que no peito aninho
Se no sonoro acento e delicado
Que falais, também eu cantar pudera
Em doces rythmos, gratas melodias
As expressões dum coração fraterno
D'amor vozes sinceras ouvirias...
Cala-se a lira: os corações se entendem —

l. 6-10-12

Franca

POEMA

Quando eu com a mente extática
Me engolfo no azul do espaço,
E os mil cortesãos alígeros
Contemplo do eterno Paço;

Quando os vejo cumprir céleres
As ordens do Onipotente,
Ou, curvando as fronte lúcidas
Ante o sólio resplendente,

Com elas, radiando júbilos,
Formar-lhe humilde escabelo...
A infinda ventura invejo-lhes
De ministério tão belo;

E penso que nem no empíreo
Pode haver mais régia sorte,
Que sempre, qual servo humílimo
Servis ao Deus Santo e Forte!...

Mas quando, neopresbítero!
Hoje ante o sagrado altar
A voz comovida e trêmula
Vos ouvi alevantar,

E vi a luz do mistério
Que se encurvavam os céus
E que envolto em nuvem cândida
Nas mãos vos pousava Deus,

Fazendo-as seu Trono esplêndido
Submisso às ordens que dais,
Exclamei: "Do augusto empíreo
Oh cortesãos imortais!

Lá nesse de gozos pélagos
Mais venturosos sereis:
Porém a inefável glória
De meu irmão não venceis".

Leonel Franca, S.J.

"Tanto melior Angelis effectus,"

Quando eu com a mente extática
me engolfo no azul do espaço,
e os mil cortesãos alígeros
contemplo do eterno Paço;

quando os vejo cumprir céleres
as ordens do Onipotente,
ou, curvando as fronte lúcidas
ante o sólio resplendente,

com elas, radiando júbilos,
formar-lhe humilde escabelo,
a infinda ventura invejo-lhes
de ministério tão bello;

e penso q. nem no empíreo
pode haver mais régia sorte,
que sempre, qual servo humillimo
servir ao Deus Santo e Forte!...

= =

Mas quando, Neo-Presbítero!
hoje ante o sagrado altar
a voz commovida e trêmula
vos ouvi alevantar,

e vi a luz do mysterio
q. se encurvavam os ceus,
e q. envolto em nuvem cândida
nas mãos vos pousava Deus,

fazendo-as seu Throno esplêndido
submisso às ordens q. dais,
exclamei: "Do augusto empíreo
o cortesãos immortais!

lá nesse de gozos pélagos
mais venturosos sereis:
porém a ineffavel gloria
de meu irmão não venceis.

Parte

02

OLHARES

IA-01-0
Doc. 29

Irreparável perda para o Brasil e para a Igreja.

DE LUTO O BRASIL.

Perde o Brasil um dos seus maiores filhos.

DESAPARECE UMA DAS MAIS EMINENTES FIGURAS DO CLERO BRASILEIRO

Um grande filho de santo Inácio.

(Fala eloquentemente a "Imprensa Nacional")

Desaparece um grande brasileiro. O Brasil cheio de pesar com a morte do P. Franca.

DE LUTO A IGREJA.

Eminente educador e preclaro sacerdote.

Com a morte do grande sacerdote perde a cultura cristã uma das mais ilustres figuras.

Desaparece uma glória do Brasil.

DE LUTO O BRASIL.

A Igreja perdeu um sábio e um santo.

Perde o Brasil mais um dos seus grandes valores.

Grande perda para o Brasil e para a Igreja.

O passamento ontem do insigne jesuita.

O Brasil jamais esquecerá o Padre Leonel Franca.

Um sacerdote que viverá para sempre na memória dos católicos.

Um brasileiro de ciências e de virtudes.

Desaparece uma glória do clero regular.

Notabilíssimo mestre.

Personalidade invulgar entre os mais eminentes brasileiros.

Um brasileiro imortal.

Ilustre mestre e grande filósofo.

Homem de fé e de vontade.

Desaparece uma das mais altas figuras intelectuais do país.

Célebre escritor.



EM VOSSAS ORAÇÕES LEMBRAI-VOS DO
PADRE LEONEL FRANCA S.J.
PRIMEIRO REITOR DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO
nascido em 7 de Janeiro de 1893
falecido em 3 de setembro de 1948
R. I. P.

"Quando a inteligência, iluminada pela graça, penetra as razões superiores do sofrimento, a consciência sofre com mais dignidade, com mais resignação e com mais amor."
P. Leonel Franca S.J.

EMINENTE ORADOR SACRO E EDUCADOR DE NOSSAS

Pensador eminente e corajoso batalhador em prol das boas causas.

ELITES.

Desaparece um dos maiores vultos da Companhia de Jesus.

Um patriota vigilante das nossas instituições.

Um verdadeiro santo.

Um dos maiores filósofos brasileiros.

Desaparece o maior dos jesuitas do nosso tempo.

Perderam as letras brasileiras umas das suas figuras mais ilustres.

Verdadeiro apóstolo do evangelho.

Desaparece um dos maiores vultos do Brasil.

Considerado uma das mais brilhantes figuras do clero brasileiro.

“ QUANDO A INTELIGÊNCIA, ILUMINADA PELA GRAÇA, PENETRA AS RAZÕES SUPERIORES DO SOFRIMENTO, O CORAÇÃO SOFRE COM MAIS DIGNIDADE, COM MAIS RESIGNAÇÃO E COM MAIS AMOR. ”

PADRE LEONEL FRANCA

INTRODUÇÃO

LEONEL FRANCA E SUA PASTORAL COM OS INTELECTUAIS

LEANDRO GARCIA

Escrever sobre Leonel Franca é tarefa das mais complexas e instigantes, pois o primeiro desafio é escolher sobre “qual Franca” se quer falar – teólogo, filósofo, pedagogo, psicólogo, místico, matemático, físico, conferencista e poeta – essas são algumas das dimensões de sua alma larga, profunda e que ainda nos inspira e questiona. Opto aqui por lembrar a sua pastoral entre intelectuais e artistas do seu tempo, uma dimensão sempre lembrada do seu eu, mas que insisto em investigar, por considerá-la a mais cativante.

Pe. Leonel Franca em almoço com Dr. Capanema.

Sabe-se que Leonel Franca, fundador da PUC-Rio, amigo pessoal de Alceu Amoroso Lima e de tantos outros escritores da sua época, teve uma imensa importância nos processos de conversão de inúmeros intelectuais e artistas. Suas famosas conferências, proferidas no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, eram concorridas e frequentadas por ateus, agnósticos, crentes e pessoas que estavam em crise religiosa e em busca de compreensão para esta mesma crise. Segundo muitos relatos e registros, frequentavam as conferências do Pe. Franca: o próprio Alceu, Murilo Mendes, Ismael Nery, Jorge de Lima, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Octávio de Faria, Raul de Leoni, Augusto Frederico Schmidt, José Lins do Rego, Di Cavalcanti, José Olympio, Otto Lara Rezende, João Ettiene Filho, Capistrano de Abreu, Pandiá Calógeras, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque e tantos outros.

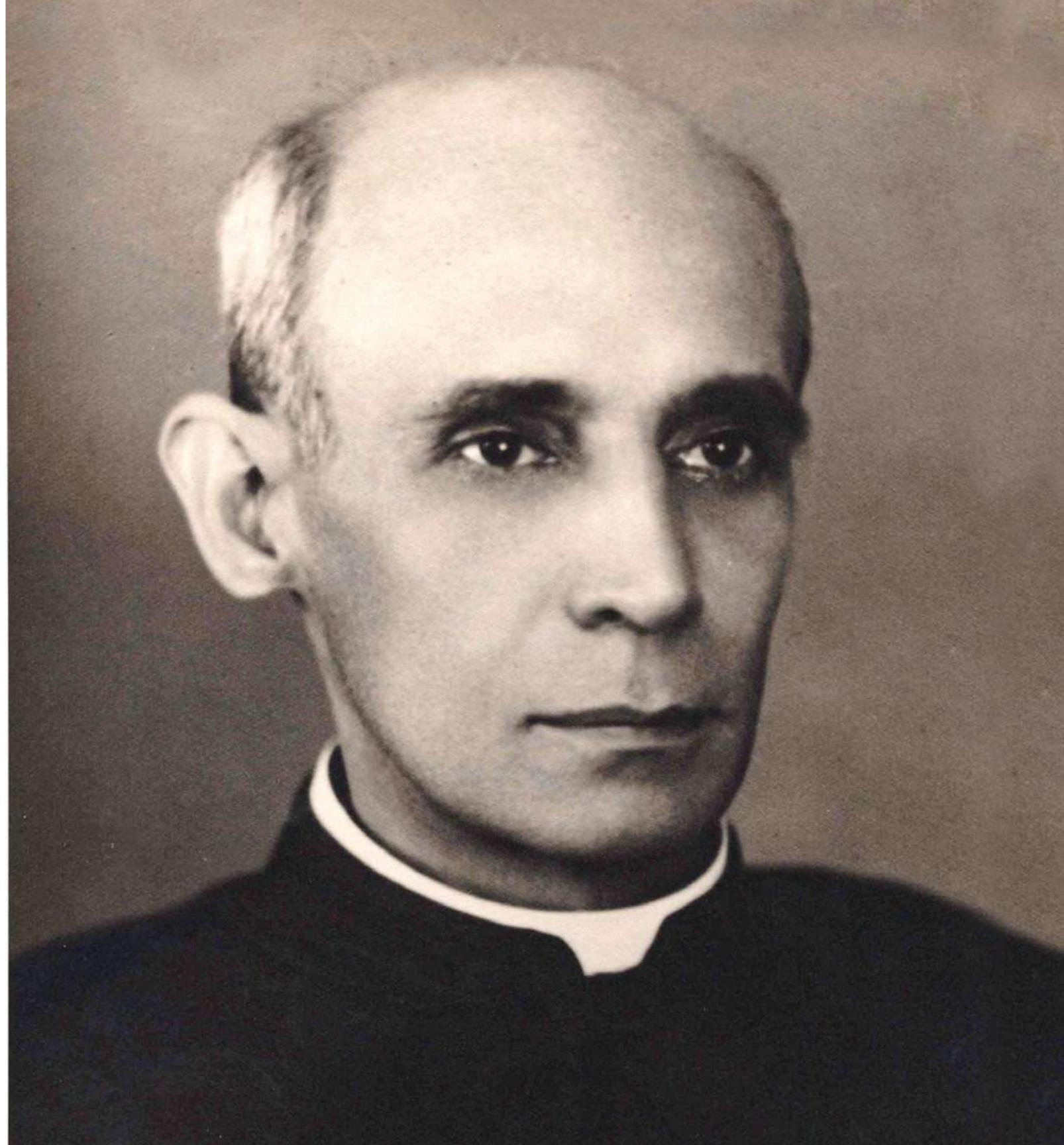
Foi forte e significativo o processo de conversão religiosa de intelectuais ao catolicismo, seguindo o caminho do que ocorria – com força e expressão – na França. Assim, era o momento de “abraçar uma grande causa”, na expressão de Jorge de Lima, e converter-se foi um caminho percorrido por inúmeras figuras públicas. Assim, a pastoral exercida pelo Pe. Franca foi profunda e muito pessoal: missas semanais na Igreja de Santo Inácio e posterior conferência, no salão do colégio homônimo, anexo à igreja, para a qual concorriam pessoas em dúvidas existenciais e tinham, na autoridade do Pe. Franca, uma espécie de porto seguro para a sua tomada de decisão. O próprio Franca nos adverte, em relação à tomada de decisão dos que buscavam um sentido maior para as suas vidas:



“IMPORTA ROMPER COM HÁBITOS ANTERIORES, SUBMETER-SE A UMA DISCIPLINA, DIZER ADEUS AO DILETANTISMO QUE SÓ VÊ NA VIDA UM PASSEIO PELA EXISTÊNCIA, SEM CONSEQUÊNCIAS NEM RESPONSABILIDADES E COM O DIREITO DE COLHER, À VENTURA, TODAS AS FLORES QUE NO CAMINHO LHE SOLICITAM O DESEJO DO MOMENTO. ESTA RUPTURA É DOLOROSA, E A LUTA QUE A PROCEDE, INDESCRITÍVEL.”

FRANCA, Leonel.

*Psicologia da Fé. Rio de Janeiro/São Paulo:
PUC-Rio/Loyola, 2001, p. 194.*





Mesa do gabinete do Reitor.

Pe. Leonel Franca teve uma singular atuação no Centro Dom Vital, inicialmente presidido por Jackson de Figueiredo e depois por Alceu Amoroso Lima, em cujas conferências mensais foi pensada e executada a fundação do Instituto Católico de Estudos Superiores, embrião da PUC-Rio, com a colaboração de monges beneditinos como Dom Tomás Keller e Dom Martinho Michler; bem como de frades dominicanos franceses que residiam no Rio, como Frei Pio Pelloux, Frei Sébastien Tauzin e Frei Pierre Secondi.

Outra ação do Pe. Leonel Franca, pouco lembrada e valorizada, foi o seu apoio na fundação de filiais do Centro Dom Vital em outras cidades, especialmente em Juiz de Fora, São Paulo, Fortaleza e Recife. Na capital pernambucana, o Centro funcionava na própria residência dos jesuítas, com uma interessante grade de atividades intelectuais, orientadas à distância pela longa e comprometida correspondência trocada entre o Pe. Franca e seus confrades locais.

Desta forma, muito teríamos a escrever sobre este notável filho de Santo Inácio, cuja vida foi um dom de Deus e um ponto diferenciador na nossa árida história humana.

QUE SUA OBRA
E SEU LEGADO
AINDA INSPIREM
A TODOS NÓS,
QUE CONTINUAMOS
NESTA COMPLEXA
TAREFA DE
COMUNICAR
O MISTÉRIO QUE
NOS CONGREGA
E NOS INTERPELA
COTIDIANAMENTE.

CARTAS

ALCEU AMOROSO LIMA A JACKSON DE FIGUEIREDO

Cartas entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo (1927-1928). Publicado em LIMA, Alceu Amoroso & FIGUEIREDO, Jackson de. Correspondência – Harmonia de Contrastes, Tomos I e II. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1991.

18 de outubro de 1927.

Li a carta do Pe. Franca mais do que comovido, humilhado. É o termo. Agora, para agradecer e satisfazer um desejo antigo, eu quisera que você obtivesse dele um encontro comigo. Penso que ele mora no Santo Inácio. Ele que marque uma hora para podermos conversar à vontade. Quero conhecê-lo de perto. E, quem sabe, abrir-lhe um pouco este vulcão íntimo.

24 de novembro de 1927.

Agora mesmo escrevi ao Padre Franca, pedindo-lhe que me receba amanhã. Vou com muita angústia. Com muita dúvida. Com muita hesitação. Mesmo pensando que é uma simples visita de cortesia. Mas no fundo a alma espera mais. E hoje de manhã, ao murmurar a prece cotidiana com que procuro a Deus, não me olvidei de implorar, se é possível que um mísero verme da terra possa ser escutado (aonde??!!), se transcendentalize a esse ponto – pedi que realmente desse encontro possa vir a nascer futuramente qualquer coisa de mais sério para meu pobre coração desamparado, e quase sempre triste.

DOM SEBASTIÃO LEME A LEONEL FRANCA

Carta de Dom Sebastião Leme ao Pe. Leonel Franca, manuscrito, documento original, papel timbrado e brasonado. Fonte: Arquivo do Centro Dom Vital.

Rio, 8 de abril de 1933.

Meu caro Padre Franca,

De coração, lhe agradeço o exemplar de *Catolicismo e Protestantismo*. É obra digna da Igreja e do Padre Franca. Já agradecei a Deus mais esse presente do céu. Aqui, à pureza, lhe digo que fiz intenção habitual que sempre renovo de na santa missa pedir ao Rei Divino que nos conserve o Padre Franca. Pedir e agradecer.

Sebastião, Cardeal-arcebispo.

TEXTOS

ALCEU AMOROSO LIMA

Publicado em LIMA, Alceu Amoroso.
Companheiros de Viagem.
Rio de Janeiro: Livraria José
Olympio Editora, 1971,
p. 62-63.

LEONEL FRANCA – O MAIOR

Que me lembre, éramos 7 de 1893: Leonel Franca, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Jorge de Lima, Sobral Pinto, Leonídio Ribeiro e eu próprio.

Por todos os motivos, a primazia cabe a Leonel Franca. Éramos de 1893 como tantos outros que vieram ao mundo ao troar dos canhões da Revolta, tiveram uma adolescência numa era de paz e prosperidade e chegaram de novo, no fim da vida, a um mundo marcado pela violência e pelo sofrimento.

Foi a mais ardente das almas no mais franzino dos corpos. Seguiu uma trajetória tranquila e igual, no desenvolvimento intelectual e espiritual mais harmonioso da nossa geração. Não hesitou jamais, nem mudou de rumos. Desde menino, por

influência de um tio, Monsenhor Macedo Costa, e tradição do grande bispo que, com Dom Vital, mudou os rumos da evolução religiosa brasileira, viu na carreira eclesial o caminho de sua vocação. Educado pelos jesuítas, seguiu as pegadas dos primeiros e maiores educadores do Brasil colonial e seria, no fim de sua vida, o mais perfeito dos formadores de alma. Teve uma formação humanista como nenhum outro de nossa geração. Enquanto a nossa característica foi sempre a de aprender as coisas principais depois das supérfluas e as primeiras depois das últimas, ele estudou tudo ao seu tempo, no seu lugar e na devida proporção, de forma que foi, sem comparação, a cabeça mais mobiliada de todos nós. Fez um curso brilhante em Roma, mas logo o coração falhou. Esse coração que, simbolicamente, seria tão grande, tão compassivo, tão aberto, mais tarde, a

“ESSE CORAÇÃO QUE,
SIMBOLICAMENTE,
SERIA TÃO GRANDE,
TÃO COMPASSIVO,
TÃO ABERTO, MAIS TARDE,
A TANTOS CORAÇÕES
ANGUSTIADOS,
COMEÇOU A FALHAR.”



tantos corações angustiados, começou a falhar, fisicamente desde mocinho e, em Bad Nauheim, onde foi consultar médico ao deixar a Universidade romana para voltar ao seu Brasil, lhe predisseram uma vida curta e de pouca atividade.

Curta seria, ao menos para os que ainda hoje não se conformam com a sua morte, mas como atividade excedeu a de todos nós, ao menos em profundidade. Foi em 1922 que publicou seu primeiro livro famoso, *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, que o iria lançar no plano intelectual no mesmo ano em que vários outros livros famosos, como *Pauliceia Desvairada*, *os Epigramas Irônicos* e *Sentimentais*, a *Luz Mediterrânea* marcavam o fim de uma era e o início intelectual de uma nova fase de nossas letras. O Pe. Franca iria dominar um grande setor dessa nova fase. Iria desenvolver, no Rio – com as suas polêmicas com os protestantes ou com José Oiticica e com as suas conferências sobre *A Psicologia da Fé* ou

sobre *O Divórcio*, ampliadas e, mais tarde, recolhidas em volume, com a fundação da primeira Universidade Católica Brasileira e sua interferência pessoal e decisiva em todos os problemas de educação – uma atuação intelectual que hoje se traduz em 14 volumes de suas Obras Completas e, acima de tudo, na marca indelével deixada em nossa geração e sobre as novas gerações que, no confessorário de Santo Inácio, ele guiou na sua infância e na sua adolescência e hoje começam a atuar na vida pública.

Na missa das seis e meia da manhã, no Santo Inácio, esse homem que mal pesava sobre a terra e era só olhos, num corpo moreno e translúcido, esse homem que nas discussões era ágil como um esgrimista e lógico como um escolástico, que tinha o estilo de Rui Barbosa e o coração de Anchieta, esse homem que organizava laboratórios de física e fundava Universidades, que se pendurava nos estribos de bonde e conhecia os caminhos mais recônditos do coração humano – na missa da manhãzinha esse homem era um místico e a sua missa era dita de tal maneira que uma aura misteriosa já parecia cercar de luz essa cabeça prematuramente desguarnecida, que deu à nossa geração o sentido profundo da Ordem sobrenatural.

“NA MISSA DA MANHÃZINHA
ESSE HOMEM ERA UM
MÍSTICO E A SUA MISSA ERA
DITA DE TAL MANEIRA QUE
UMA AURA MISTERIOSA JÁ
PARECIA CERCAR DE LUZ ESSA
CABEÇA PREMATURAMENTE
DESGUARNECIDA, QUE DEU
À NOSSA GERAÇÃO O SENTIDO
PROFUNDO DA ORDEM
SOBRENATURAL.”

ALCEU AMOROSO LIMA

*Por ocasião do 30º aniversário
de falecimento do Pe. Franca.*

*Boletim PUC-RJ, edição Especial,
nº. 4, ano VIII, em 03 de setembro
de 1978.*

Padre Franca. Tal era a irradiação de sua personalidade excepcional que aqui venho em nome de três instituições culturais, das quais duas das mais insignes em nosso país, trazer-lhe o último adeus de seus companheiros, amigos e discípulos.

São seus companheiros do Conselho Nacional de Educação, a mais alta instituição pedagógica do país, são seus amigos e assistidos do Centro D. Vital e d'A Ordem, e são, enfim, seus discípulos e colegas da sua Faculdade Católica de Filosofia que me honraram com a incumbência insigne de vir aqui para dizer, em poucas palavras, sua imensa saudade e o vácuo insubstituível que a todos nos traz a sua perda.

Quando um dia, ainda menino, o Sr. sentiu no fundo do coração o chamado do Mestre, não hesitou um segundo em segui-lo. Obedeceu, como ia toda vida obedecer, ao chamado da honra, do dever e do estudo. Aos olhos frívolos do mundo, podia essa escolha prematura da via estreita do sacerdócio e mais tarde do claustro, parecer

uma renúncia a deixar neste mundo algum rastro de sua passagem pela terra.

Aos olhos de Deus, porém, e só eles afinal é que contam, essa escolha do caminho mais difícil não seria um abandono, mas, ao contrário, uma promessa de fecundidade, mesmo nesta terra.

Cinquenta e cinco anos se passaram desde esse 7 de janeiro de 1893 em que o Sr. abria os olhos para o mundo e para uma vida de renúncias e sacrifícios prematuros a tudo o que, para a imensa maioria de seus contemporâneos, iria constituir o apego imediato e até por vezes a razão de ser de suas vidas.

Hoje, porém, na hora em que Deus o chamou enfim, à sua presença, para um repouso bem merecido, o que se vê é o espetáculo desta imensa congregação de almas desoladas e olhos pisados. Ao homem que desde menino tudo sacrificou à glória divina, reservava ao Pai Celestial a recompensa desta consagração. Aqui estão os Conselhos de que fez parte e iluminou com

“QUANDO UM DIA,
AINDA MENINO,
O SR. SENTIU NO FUNDO
DO CORAÇÃO O CHAMADO
DO MESTRE, NÃO HESITOU
UM SEGUNDO EM SEGUI-LO.
OBEDECEU, COMO IA
TODA VIDA OBEDECER,
AO CHAMADO
DA HONRA, DO DEVER
E DO ESTUDO.”

o seu saber e sua inteligência. Aqui estão as Faculdades que fundou. Aqui estão seus discípulos, aqui estão seus amigos, aqui estão seus companheiros de hábito, aqui estão aqueles que o sangue uniu desde o berço ao seu próprio sangue. Aqui estão também seus livros, suas ideias, seus conselhos, tudo aquilo que viveu no seu coração ou na sua inteligência e daí passou a dar vida, ânimo, conforto, estímulo, ao coração e às inteligências dos que se encontram de olhos tímidos e almas partidas, e da legião daqueles que pelo Brasil afora nesta hora também choram conosco a sua morte.

Todos eles são, de certo modo, seus filhos, seus filhos pelo espírito, pelo coração. Todos eles representam o testemunho vivo da fecundidade espiritual das grandes renúncias, das supremas opções. Sua vida foi uma contínua irradiação, um exemplo de cada minuto. Há vidas desperdiçadas. Há homens, já nos previnem as Sagradas Escrituras, que nasceram como se não tivessem nascido. “*Nati, quasi non nati*”. Há

outros, ao contrário, cuja vida é uma contínua irradiação de vida. Nasceram porque tinha de nascer, porque o mundo ficaria diminuído se não tivessem nascido. Nasceram marcados por uma missão providencial. Sua missão, Padre Franca, foi por ordem em nossos espíritos inquietos e paz em nossos corações atormentados. Estranho

“SUA VIDA FOI
UMA CONTÍNUA
IRRADIAÇÃO,
UM EXEMPLO
DE CADA
MINUTO.”



paradoxo o seu. No meio de nossa geração, de homens nascidos no último decênio do século passado e que iríamos desferir voo, como adultos, entre as mais incríveis e imprevistas tempestades, no meio de uma geração angustiada, sofredora, inquieta, o Sr. foi o sinal luminoso da serenidade, da harmonia, do equilíbrio. Olhávamos para o Sr. como o navegante olha para o farol na

passagem dos abrolhos difíceis. Por maior que fosse a tormenta, por mais altas que se quebrassem as ondas, por mais que o vento uivasse ameaçador havia sempre uma luz entre nós, uma luz que atravessava os nevoeiros mais espessos, uma luz que nos indicava invariavelmente o caminho certo: essa luz é a que ontem se apagou. Essa luz é a que íamos buscar no quarto solitário de Santo Inácio, naquela bandeira suavemente iluminada no amplo terraço escuro à hora das Ave-Marias no inverno ou nas noites de verão, quando à luz de uma lâmpada baixa batíamos à sua porta e ouvíamos aquele 'entre' conhecido, que ia ao fundo das nossas perplexidades, como um sinal de paz, de esperança, de tranquilidade. Pois ninguém entrou perturbado naquele quarto, que de lá não saísse em paz. Há aqui muita gente, Padre Franca, que não sabe como vai viver sem o Sr. Há muita gente que não sabe como vai resolver os seus problemas, como vai encontrar aquele conselho seguro, humano, amigo, sempre certo, que punha

um bálsamo nas feridas e rasgava sempre picadas de luz nas matas mais sombrias das nossas trágicas encruzilhadas. Há muita gente aqui que não sabe o que vai fazer sem o Sr. que não sabe como vai encontrar o rumo certo quando a bússola se partiu, quando a bússola partiu para outras paragens. Bem sei que uma alma como a sua continua a crescer, mesmo depois que deixa o frágil invólucro terreno, esse invólucro que já era tão frágil no Sr., Padre Franca, que há muito nos parecia que o Sr. era transparente.

Sempre vi no Sr., Padre Franca, uma espécie de homem diferente dos outros homens. O Sr. tinha qualquer coisa de angélico que fazia com que seus membros não pesassem sobre a terra, passassem por nós como se voassem, como se os seus pés fossem asas e não o obrigassem a fazer barulho quando andava.

Esse anjo, esse conselheiro, esse homem que tinha o dom de tornar claras as coisas complicadas, esse espírito de luz que encontrava sempre a palavra justa para resolver

os problemas mais difíceis e de junto de quem nunca ninguém saiu desapontado, esse homem está aqui no silêncio augusto de sua volta ao pó. Mas o que ele foi realmente, o que ele deixou de si, o que ele produziu neste meio século de sua passagem fecunda pelo nosso tempo, tudo isso está aqui nas suas obras, nas Faculdades de Direito, de Engenharia, de Filosofia, de Ciências Sociais, que fundou, nos Conselhos de Educação, de Geografia, do Livro Didático, a que pertenceu, nas suas ideias, nas suas orientações, nos seus discípulos, nos seus amigos, em tudo o que de abstrato e de concreto, de pessoal e de institucional, sua vida semeou nesse meio século de trajetória luminosa e fecunda.

Custa-nos crer que o Sr. tenha partido, Padre Franca.

Há 20 anos foi o Sr., abaixo de Deus, que me restituiu a luz dos olhos amortecidos. Como a mim, são muitos os de minha geração de inquietos e atormentados que devem ao Sr. a volta à Luz da Fé e a reconquista da

“ESSE ANJO, ESSE
CONSELHEIRO, ESSE HOMEM
QUE TINHA O DOM DE
TORNAR CLARAS AS COISAS
COMPLICADAS, ESSE ESPÍRITO
DE LUZ QUE ENCONTRAVA
SEMPRE A PALAVRA
JUSTA PARA RESOLVER OS
PROBLEMAS MAIS DIFÍCEIS
E DE JUNTO DE QUEM NUNCA
NINGUÉM SAIU DESAPONTADO.”

Paz de Espírito, desse bem supremo que mesmo em meio às lutas mais ferozes e aos sofrimentos mais cruciantes, nos permite flutuar sobre as ondas mais revoltas.

Essa Luz da Fé e essa Paz de Espírito, que o Sr. nos deu ou nos restituiu, é que hoje nos permitem, à beira do seu túmulo, não perder a cabeça nem o coração e aceitar como uma nova bênção de Deus essa ausência que nos vai deixar órfãos e solitários na hora em que mais precisamos de sua presença. Mas estamos ouvindo a sua palavra de equilíbrio e ponderação, essa palavra mansa, boa e sábia que bania as sombras e restituía a paz. Essa palavra a nos dizer uma vez mais e para sempre:

“VÃO EM PAZ, MEUS FILHOS. AGORA MAIS DO QUE NUNCA ESTOU CONVOSCO. NÃO SE DEIXEM ARRASTAR POR NENHUM EXCESSO. PENSEM QUE A MORTE É UM SIMPLES ACIDENTE E DE AGORA EM DIANTE ESTAREI MAIS DO QUE NUNCA VELANDO POR VÓS JUNTO ÀQUELE A CUJO TRONO PROCUREI ENCAMINHAR TODOS OS VOSSOS PASSOS E CUJA BÊNÇÃO APAZIGUADORA IREI AGORA IMPLORAR PARA TODOS OS QUE SE CONFIARAM A MIM E AINDA DE MIM ESPERAM ALGUMA COISA.”

Sim, Padre Franca, nesta despedida, queremos fazer: a sua última vontade. E daqui vamos sair, como saímos da sua cela ou de seu confessionário com os olhos lavados pelas lágrimas, mas com o espírito em ordem e os corações em paz.

ANTONIO CARLOS VILLAÇA

Publicado em VILLAÇA, Antonio Carlos.

O pensamento católico no Brasil.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 205; 208.

Fundou e por oito anos dirigiu a Universidade Católica do Rio, a primeira do Brasil. Foi um conferencista importante, nas décadas de 1920 e 1930, quando falava para auditórios repletos, em que se viam Epitácio Pessoa, Ismael Nery, Murilo Mendes, Sobral Pinto, Alceu Amoroso Lima. Pedagogo, apologeta, mestre espiritual, viveu para a história da filosofia e a filosofia da história. Nele, o diretor espiritual e o conferencista erudito se complementam, harmoniosamente. Francisco Leme Lopes chamou-se o padre espiritual da inteligência brasileira. Leitor de Vieira e de Rui, escrevia como um clássico. Filósofo da cultura, nada lhe era estranho, na vasta perspectiva dos estudos filosóficos.

Tinham uma formação rigorosamente sistemática. E o misticismo dava a esse conjunto – saber e ascese – uma dimensão propriamente sedutora. [...] Leonel Franca representou o equilíbrio no grande movimento de renovação do catolicismo brasileiro, depois da Primeira Guerra. [...] Membro

do Conselho Nacional de Educação, desde a fundação em 1931, o Padre Franca era extremamente metódico, minucioso.

Pertenceu também ao Conselho de Estatística. Ao receber, através do Padre Leme Lopes, porque estava doente, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira, pelo conjunto da obra, era já um nome arqui-consagrado da nossa cultura. Não foi da Academia porque não quis. Dom Leme fez tudo para que se candidatasse.

Leonel Franca representou o equilíbrio no grande movimento de renovação do catolicismo brasileiro, depois da Primeira Guerra. [...] Membro do Conselho Nacional de Educação, desde a fundação em 1931,

“O PADRE FRANCA ERA EXTREMAMENTE METÓDICO, MINUCIOSO.”

DOM ODILON MOURA, O.S.B.

Publicado em MOURA, Dom Odilon. *Ideias Católicas no Brasil: Direções do Pensamento Católico do Brasil no Século XX*. São Paulo: Convívio, 1978, p. 139.

Conquistou, no seu tempo, o coração e as inteligências dos contemporâneos, católicos e não-católicos. Só com o pronunciar de seu nome, impunha-se respeito e veneração. Onde estivesse trazia sempre “a maior glória de Deus”. Atuou o Padre Franca multiforme e eficientemente nos meios culturais brasileiros. Diretor espiritual de universitários e intelectuais, estes encontravam nele o orientador prudente e sábio.



“ATUOU O PADRE FRANCA
MULTIFORME E EFICIENTEMENTE
NOS MEIOS CULTURAIS
BRASILEIROS. DIRETOR
ESPIRITUAL DE UNIVERSITÁRIOS
E INTELLECTUAIS, ESTES
ENCONTRAVAM NELE
O ORIENTADOR PRUDENTE
E SÁBIO.”

PE. CÉSAR DAINESE, S.J.

Fragmento do Prefácio,
publicado em FRANCA, Leonel.
Exercícios espirituais. São Paulo:
Edições Loyola, 1979.

Para entender, para apreciar, para dimensionar exatamente a vida espiritual do Pe. Franca, na sua decidida peregrinação rumo à santidade, como vem descrita nas suas notas íntimas, devemos procurar descobrir, atrás e através das palavras, a linha condutora uniforme, – constantemente uniforme –, da sua correspondência à graça.

O que se nota, o que se destaca nesse diário espiritual é precisamente um esforço ininterrupto e incansável de viver nas mais diversas circunstâncias internas e externas da vida, a fórmula paulina: *non ego, sed gratia Dei mecum*: não eu sozinho, mas a graça de Deus comigo. Primeiro a graça de Deus, depois a nossa colaboração pessoal. A santidade consistirá sempre em descobrir essa graça, em aceitá-la livremente, em

corresponder-lhe o mais perfeitamente possível.

Fidelidade e serenidade. Serenidade, fruto de fidelidade. Fidelidade sempre generosa, dentro e apesar das oscilações inevitáveis da natureza humana. E, por isto mesmo, tudo normal, tudo comum, tudo dentro de uma rotina exterior da vida religiosa que hoje encontra o Pe. Franca no noviciado, amanhã na Universidade Gregoriana de Roma, depois de amanhã na função de fundador e de Reitor Magnífico da Universidade Católica do Rio de Janeiro, sempre idêntico a si mesmo.

Tudo medido por uma prudência tão esmerada que, entre os mais íntimos, lhe valeu o apelido de “virgem prudente”.

“TUDO DENTRO DE UMA ROTINA EXTERIOR DA VIDA RELIGIOSA QUE HOJE ENCONTRA O PE. FRANCA NO NOVICIADO, AMANHÃ NA UNIVERSIDADE GREGORIANA DE ROMA, DEPOIS DE AMANHÃ NA FUNÇÃO DE FUNDADOR E DE REITOR MAGNÍFICO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, SEMPRE IDÊNTICO A SI MESMO.”

Tudo tão ordenado que, estando ele em Roma cursando a Teologia e ao mesmo tempo compondo a sua obra magistral *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, ao oferecer-me para bater à máquina, pelo menos, o prefácio do livro, lhe perguntei ingenuamente: “E o resto? quem vai transcrevê-lo? (O Pe. Franca tinha uma letra bastante difícil de se decifrar.) Ele me respondeu calmamente: “Já descobri um datilógrafo que sabe português e que se prontificou até a rever as provas (a obra foi impressa em Roma mesmo). E acrescentou mansamente: “A divina Providência nunca falha”.



PE. FRANCISCO LEME LOPES, S.J.

Texto por ocasião dos 25 anos de morte de Pe. Leonel Franca, S.J. Leonel Franca e a sua influência cultural no Brasil, 3 de setembro de 1973.

Passado um quarto de século de sua morte, mal podem as novas gerações avaliar a extensão e a profundidade da influência exercida pelo P. Leonel Franca no campo cultural e religioso do Brasil.

Toda a sua obra, vasada no mais puro vernáculo, deixa entrever a extensão de seus conhecimentos. Metódico em extremo, alia a uma cultura clássica do melhor quilate uma erudição sempre em dia com os últimos enriquecimentos bibliográficos. Claro e profundo, associa reflexões filosóficas e dados sociológicos, espiritualidade e pedagogia, vigor de raciocínio e finura de análise psicológica, história e estatística. Poucos brasileiros terão abarcado horizonte intelectual de semelhante amplitude.

Eis aí, em breves traços, o que foi Leonel Franca, frágil de corpo, atleta do pensamento e do apostolado, fisionomia calma e serena, como de quem nada sofre, sem que lhe tenha escapado jamais uma palavra áspera ou um gesto de irritação contra quem quer que fosse.



Procurava em toda parte aproximar e não dividir. Profundamente humano porque sempre voltado para Deus. Realizou à letra o ideal em que sintetizou certa vez a vida cristã: “Com o Absoluto não se regateia. Quem não dá tudo, não deu nada”. Passou deste modo sempre esquivo a honrarias aquele que D. Sebastião Leme com toda sua justiça apelidou “glória do Brasil e da inteligência humana”.

“O QUE FOI LEONEL FRANCA, FRÁGIL DE CORPO, ATLETA DO PENSAMENTO E DO APOSTOLADO, FISIONOMIA CALMA E SERENA, COMO DE QUEM NADA SOFRE, SEM QUE LHE TENHA ESCAPADO JAMAIS UMA PALAVRA ÁSPERA OU UM GESTO DE IRRITAÇÃO CONTRA QUEM QUER QUE FOSSE.”

PE. HENRIQUE C. DE LIMA VAZ, S.J.

Publicado em *O Pensamento filosófico no Brasil de hoje*.
Revista Portuguesa de Filosofia,
17, 1961, p. 235-273.

O livro *A Crise do mundo moderno* foi a última obra escrita por Leonel Franca e é não somente a mais ambiciosa doutrinariamente como também representa uma espécie de Summa do pensamento francano, erigida nesse terreno entre todos difícil em que o essencial da visão cristã, na sua conceptualização filosófico-teológica, é confrontado com os aspectos fundamentais do novo ciclo civilizatório que o Ocidente vinha cumprindo desde alguns séculos, e que era então conhecido como mundo moderno e hoje é designado como modernidade.

Qualquer que seja o juízo a se fazer sobre essa crítica francana da modernidade, ela se mostra dotada de inegável coerência e rigor. Pela sua abrangência e pela riqueza de documentação com que se apresenta, *A Crise do mundo moderno* parece justificar

ainda hoje a apreciação que tive ocasião de fazer em 1961, considerando-a como sendo “o mais bem sucedido ensaio brasileiro de filosofia da cultura”.

Leonel Franca escreveu um dia nas suas notas pessoais: “Com o Absoluto não se regateia”. Não se regateia sobretudo quando se trata de pensar a História e a extraordinária aventura do homem sobre a terra. Sem a claridade do sol do Absoluto – do Bem – como Platão lembrava numa comparação célebre, a escuridão do nada envolve todos os horizontes da civilização e ela mergulha numa crise fatal e irremediável.

Essa a lição maior que podemos receber das páginas de *A Crise do mundo moderno*, e que assegura a permanente atualidade dessa obra.

“LEONEL FRANCA
ESCREVEU UM DIA NAS
SUAS NOTAS PESSOAIS:
“COM O ABSOLUTO NÃO
SE REGATEIA”. NÃO SE
REGATEIA SOBRETUDO
QUANDO SE TRATA
DE PENSAR A HISTÓRIA
E A EXTRAORDINÁRIA
AVENTURA DO HOMEM
SOBRE A TERRA.”



PE. JESUS HORTAL, S.J.

Texto por ocasião do 50º aniversário de morte do Pe. Leonel Franca, S.J., em Edição de poesias selecionadas, PUC-Rio, 1998.



O Pe. Franca exerceu sua tarefa de Fundador não apenas na organização e administração da futura universidade, mas sobretudo na definição, em seus discursos e escritos, dos ideais, funções e encargos de uma universidade católica inserida na realidade de seus dias.

Conseguiu também o Pe. Franca arregimentar em torno do ideal da futura Universidade uma constelação de colaboradores de grande brilho, que se dedicaram à obra com grandeza de espírito, da qual ele próprio deu exemplo, na afirmação de sua fé e na vivência das grandes virtudes que o insigniram.

Que a recordação do Pe. Franca, do exemplo de sua vida, da claridade de suas ideias e do vigor do seu idealismo desperte em cada membro da comunidade universitária da PUC-Rio o desejo de promover os ideais que inspiraram a sua criação.

“QUE A RECORDAÇÃO DO PE. FRANCA, DO EXEMPLO DE SUA VIDA, DA CLARIDADE DE SUAS IDEIAS E DO VIGOR DO SEU IDEALISMO DESPERTE EM CADA MEMBRO DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA DA PUC-RIO O DESEJO DE PROMOVER OS IDEAIS QUE INSPIRARAM A SUA CRIAÇÃO.”

PE. JOÃO A. MAC DOWELL, S.J.

Reitor da PUC-Rio entre 1976 e 1982.

Homenagem a Pe. Leonel Franca no 30º aniversário de sua morte. Boletim PUC-RJ, edição Especial, n.º. 4, ano VIII, em 03 de setembro de 1978.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro presta homenagem ao seu fundador e primeiro Reitor no 30º aniversário de sua morte. Investido desta missão pelo Cardeal Dom Sebastião Leme, o Pe. Leonel Franca, S.J. lançou as bases da primeira Universidade Católica do Brasil.

Não foi apenas na organização e administração da instituição, que o Pe. Leonel Franca exerceu sua tarefa de fundador. Pensador insigne, ele se dedicou muito mais a definir as linhas conceituais do projeto que lhe coube realizar. Na alocução proferida na sessão inaugural da PUC-Rio, indica como função própria da Universidade a criação e transmissão de cultura. E, cultura, no dizer do Pe. Franca, é o “aperfeiçoamento do homem, em todas as direções de suas múltiplas possibilidades”. Tal desenvolvimento é condicionado, porém, pela riqueza de valores oferecida em cada época ao homem para expansão de sua humanidade. A Universidade Católica “acha-se singularmente aparelhada para concretizar este ideal”. Ela



produz a atmosfera propícia para a investigação através da “convicção profunda da inteligibilidade das coisas” e pelo “respeito inviolável dos processos lógicos que levam à conquista da verdade”. Mais ainda. A luz da fé cristã projeta-se sobre todas as dimensões da vida, proporcionando a formação integral do homem. “A coerência de uma concepção da vida dá-lhe um fundamento interno”. Ele adquire a consciência da responsabilidade de irradiar no meio social a sua ação fecunda.

Fundador, o Pe. Franca foi ainda e sobretudo na sua capacidade de reunir uma plêiade de colaboradores em torno de seu projeto. Encarnada em homens convictos e irmanados pela visão comum dos objetivos da Universidade, a ideia tomou corpo, gerou uma comunidade de estudo, comprometida com a verdade e o bem comum. A evocação que fazemos hoje da memória do Pe. Franca, de seu pensamento e sua ação, de sua fé e de sua virtude, tem o significado de uma volta às origens através das diferenças de linguagem, das alterações de enfoque e de acento, na mudança do contexto sociocultural em que se insere a Universidade, o fundamento colocado pelo seu fundador permanece como condição da originalidade e fecundidade da PUC-Rio.

“A MEDITAÇÃO DE SUA MENSAGEM CONSTITUI PARA TODOS NÓS INSPIRAÇÃO E ESTÍMULO NA REALIZAÇÃO DO PROJETO DE CRIAÇÃO E TRANSMISSÃO DE AUTÊNTICOS VALORES CULTURAIS.”

PE. MÁRIO DE FRANÇA MIRANDA, S.J.

2023

Não podemos conhecer alguém sem estar inteirado de seu contexto vital. De fato, é no interior de seu meio sociocultural que a pessoa se desenvolve, recebe a linguagem correspondente, as questões que a provocam, o imaginário social no qual habita. Suas reflexões, suas reações, seus interesses, suas opções substantivas, não só revelam o solo de onde pensa e fala, mas também denunciam os limites impostos pelo mesmo chão. O objetivo destas breves linhas não é o de oferecer de modo adequado o rico pensamento do Padre Leonel Franca, mas sim de fazer emergir o momento histórico por ele vivido e como ele se comportou no mesmo.

A história nos ensina quão importante e decisiva é a relação da Igreja com a sociedade. Embora sejam entidades diversas, há uma mútua e inevitável influência entre ambas. Padre Leonel Franca viveu numa época de transição histórica desta relação. No período da Igreja da época colonial e monárquica, a Igreja, embora favorecida

pelo patronato, era frágil, sem organização, e fortemente dependente do poder civil. Esta situação se viu agravada na era republicana que a despojou dos privilégios anteriores, limitando não pouco sua esfera de influência na vida pública.

“A HISTÓRIA NOS ENSINA QUÃO IMPORTANTE E DECISIVA É A RELAÇÃO DA IGREJA COM A SOCIEDADE. EMBORA SEJAM ENTIDADES DIVERSAS, HÁ UMA MÚTUA E INEVITÁVEL INFLUÊNCIA ENTRE AMBAS. PADRE LEONEL FRANCA VIVEU NUMA ÉPOCA DE TRANSIÇÃO HISTÓRICA DESTA RELAÇÃO.”

Leonel Franca viveu num período posterior quando a forte liderança de Dom Sebastião Leme procurou recuperar o prestígio e a influência da Igreja na sociedade de então. Ao receber religiosos provenientes da Europa, não só se abriram colégios católicos, mas também se fomentou a ascensão de grandes pensadores que possibilitaram um autêntico diálogo da fé com as questões de cunho cultural daquele momento. Foram tantos que não irei citá-los para nenhum omitir. Não poderia, entretanto deixar de mencionar a influência neles exercida pelo Padre Franca. Não só devido a seus escritos e palestras, que os atrelam, mas também pelo acompanhamento espiritual que lhes dedicava e que os cativava devido a sua lucidez e a sua simplicidade.

Os historiadores afirmam ser o objetivo de Dom Sebastião a volta de certa cristandade, com a Igreja mais presente no espaço público e com maior influência no governo da sociedade. Leonel Franca colaborou na elaboração do Código Civil e na reforma do ensino, teve reuniões decisivas com personagens importantes, mas sempre recusou cargos políticos, demonstrando distanciamento de qualquer espécie de poder. Influenciou seus contemporâneos por sua autoridade moral e por sua notável inteligência. Conservou sempre sua liberdade, fruto de uma vida de íntima união com Deus, alimentada na escola de Santo Inácio. Mesmo como polemista, como exigia o contexto de seu tempo, poupava seus adversários.

“INFLUENCIOU SEUS CONTEMPORÂNEOS POR SUA AUTORIDADE MORAL E POR SUA NOTÁVEL INTELIGÊNCIA. CONSERVOU SEMPRE SUA LIBERDADE, FRUTO DE UMA VIDA DE ÍNTIMA UNIÃO COM DEUS, ALIMENTADA NA ESCOLA DE SANTO INÁCIO. MESMO COMO POLEMISTA, COMO EXIGIA O CONTEXTO DE SEU TEMPO, POUPAVA SEUS ADVERSÁRIOS.”



Hoje vivemos numa outra sociedade, pluralista e tolerante, e numa outra Igreja depois do Concílio Vaticano II, ecumênica, consciente das desigualdades sociais, imersa numa sociedade secularizada, desprovida de poder, mas oferecendo ao mundo o sentido da vida e sua mensagem de fraternidade. Mas também neste novo contexto histórico Leonel Franca conserva sua atualidade devido ao rigor, à profundidade, à coragem de levar adiante o diálogo da fé com os desafios culturais de seu tempo. Pois soube desempenhar sua missão de intelectual cristão numa época de transição entre a cristandade e a modernidade. Neste contexto é que sua pessoa e sua obra aparecem em toda sua verdade.

“LEONEL FRANCA CONSERVA SUA ATUALIDADE DEVIDO AO RIGOR, À PROFUNDIDADE, À CORAGEM DE LEVAR ADIANTE O DIÁLOGO DA FÉ COM OS DESAFIOS CULTURAIS DE SEU TEMPO. POIS SOUBE DESEMPENHAR SUA MISSÃO DE INTELLECTUAL CRISTÃO NUMA ÉPOCA DE TRANSIÇÃO ENTRE A CRISTANDADE E A MODERNIDADE.”

PE. PEDRO BELISÁRIO VELLOSO REBELLO, S.J.

*Reitor da PUC-Rio entre 1951 e 1956.
Publicado na Revista de Formatura da Escola Politécnica da Universidade Católica, 1952.*

PE. LEONEL FRANCA E SUA OBRA

Escrever um artigo sobre o Pe. Leonel Franca é tarefa a primeira vista fácil, mas realmente cheia de insuperáveis escolhas. Pela sua projeção, pela riqueza de sua personalidade e pela extensão de sua obra, o Pe. Franca oferece vasto material a quem dele se quer ocupar. Quão defeituoso, porém, resultará este retrato! As agigantadas proporções de seu gênio exigem obra de fôlego, mão de mestre e pincel de artista. Esforçar-me-ei, todavia, em fixar nestas singelas linhas, os dons maravilhosos de uma alma sadia encerrada em corpo enfermiço e o poder de um espírito forte sobre débil matéria.

Possuía o nosso primeiro Reitor um atrativo excepcional sobre os que dele se acercavam ou que apenas o conheciam por suas obras. Quem não quisesse ser subjugado por suas



“PELA SUA PROJEÇÃO, PELA RIQUEZA DE SUA PERSONALIDADE E PELA EXTENSÃO DE SUA OBRA, O PE. FRANCA OFERECE VASTO MATERIAL A QUEM DELE SE QUER OCUPAR.”

cativantes qualidades devia evitá-lo, não só pessoalmente, mas ainda em seus escritos. Qual o segredo deste poder? De que forças misteriosas lançava mão este humilde religioso para acalmar os irritados, encorajar os pusilânimes, animar os desesperados? Que qualidades tão extraordinárias o ornavam para ser tão admirado e celebrado de todos? Parece-me a mim, que tive a dita de privar com Pe. Franca durante longos anos, que o caracterismo de sua personalidade, era a harmonia e o equilíbrio do espírito, o que um dos seus admiradores traduzia dizendo: "O Pe. Franca possui a cabeça mais bem arrumada que conheço". A perfeição da inteligência em nada superava a delicadeza dos sentimentos, nem a facilidade da memória empanava-lhe o brilho do raciocínio. As suas obras estão aí para testemunharem o acordo maravilhoso de dons que ilustravam sua alma, mas nenhuma inspirará aquela admiração espontânea produzida pelo trato e convívio direto de sua pessoa.

“AS SUAS OBRAS
ESTÃO AÍ PARA
TESTEMUNHAREM
O ACORDO MARAVILHOSO
DE DONS QUE ILUSTRAVAM
SUA ALMA, MAS NENHUMA
INSPIRARÁ AQUELA
ADMIRAÇÃO ESPONTÂNEA
PRODUZIDA PELO TRATO
E CONVÍVIO DIRETO
DE SUA PESSOA.”



Pe. Leonel Franca na Congregação N.S. das Vitórias.



“ COM O
ABSOLUTO
NÃO SE REGATEIA.
QUEM NÃO
DEU TUDO AINDA
NÃO DEU NADA. ”

Leandro Franca SG



PUC



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Leonel Franca: entre anchietas e vieiras / Roberto Barros Dias, organização.
– Rio de Janeiro: Fundação Padre Leonel Franca: Ed. PUC-Rio, 2023.

152 p.: il. color.; 29,7 cm

Livro em homenagem a Padre Leonel Franca, por ocasião dos 40 anos da Fundação Padre Leonel Franca.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-8006-291-5

1. Franca, Leonel, 1893-1948. I. Dias, Roberto Barros.

CDD: 922.2

Elaborado por Marcelo Cristovão da Cunha – CRB-7/6080
Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio

©Editora PUC-Rio

Rua Marquês de São Vicente, 225
Campus Gávea/PUC-Rio
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 22451-900
Tel.: +55 21 35271838
edpucrio@puc-rio.br
www.editora.puc-rio.br

Edição

Felipe Gomberg e Tatiana Helich

Projeto gráfico

Flávia da Matta Design

Fotografias e Imagens

Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio
Acervo da Cátedra Carlo Maria Martini – CCMM
Arquivo da Província dos Jesuítas do Brasil
Acervo do Colégio Santo Inácio – Rio de Janeiro
Acervo do Colégio Anchieta – Nova Friburgo, RJ
Acervo da Prefeitura de São Gabriel – RS
Acervo da Educação Continuada PUC-Rio

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada por qualquer forma e/ou em quaisquer meios sem permissão escrita da Editora PUC-Rio.

Este livro é uma edição comemorativa do 40º aniversário da Fundação Padre Leonel Franca e traz um desenho fiel do “mestre da cultura”, fundador e primeiro Reitor da PUC-Rio. O título inspira-se na frase de uma carta escrita por Antonio Camillo de Faria ao Provincial dos Jesuítas, em 20 de setembro de 1948: “O Pe. Leonel Franca foi um luzeiro, comparável aos Anchietas e Vieiras”.

O livro nos convida a seguir os passos de Pe. Franca em uma linha do tempo disposta com arte e dinamismo que atrai nosso olhar e nos proporciona um maior conhecimento da história do homenageado.

As páginas desta publicação reúnem narrativas de intelectuais e religiosos que descrevem Leonel Franca como professor, filósofo, sacerdote e um amigo, que deixou uma vasta produção intelectual considerada uma das mais influentes da cultura brasileira na primeira metade do século XX.

Por gestos intelectuais e apostólicos, Leonel Franca foi capaz de pensar com profundidade temáticas que transitam nos campos do diálogo entre a Fé, a Ciência e a Filosofia; a Política, a Democracia e a Liberdade; a Religião e a Educação, entre outras. Através de suas obras, deixou-nos um legado que queremos celebrar através de nosso compromisso com sua continuidade e atualização.

Por fim, essa publicação comemorativa indica que a maior obra deixada para nós por Leonel Franca foi, sem dúvida, a PUC-Rio. Junto dela, como apoio permanente, está há 40 anos a própria Fundação que leva seu nome e mantém vivos seus ideais.

Pe. Anderson Antonio Pedroso, S.J.

Reitor da PUC-Rio